

## Escatologia 011

### AS PRINCIPAIS POSIÇÕES SOBRE O MILÊNIO.

O livro do Apocalipse menciona certos indivíduos dos quais diz que viverão e reinarão com Cristo por mil anos. **Apocalipse 20:2-4** Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos, lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo. Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.

Interpretações divergentes desta passagem levaram à formação de pelo menos três posições principais acerca da natureza do milênio ou do Reino milenar.

### AMILENISMO (Milenismo Realizado).

A palavra "escatologia" provém das palavras gregas "as últimas coisas" e "estudo", mas precisamos reconhecer que sob a ótica dos escritores do Novo Testamento, os "últimos dias" da história redentiva foram inaugurados pela ressurreição e glorificação de Cristo:

1. O derramamento pentecostal do Espírito Santo - At 2.16-21 (os últimos dias)
2. **I Coríntios 10.11** Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado (o fim dos tempos)
3. **Hebreus 1:1-2** Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. (nestes últimos dias)
4. **I Pedro 1:20** Conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós (nestes últimos tempos).

O todo da revelação redentiva de Deus está estruturado em termos de promessa (AT) e cumprimento (NT).

### CRISTO: O TEMA DA PROFECIA DO ANTIGO TESTAMENTO

No AT existem passagens que falam sobre um tempo vindouro de paz mundial e justiça, uma época quando o templo será reconstruído; o sacerdócio, restabelecido, e os sacrifícios, novamente oferecidos:

- **Isaías 60:10-14** Estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão; porque no meu furor te castiguei, mas na minha graça tive misericórdia de ti. As tuas portas estarão abertas de contínuo; nem de dia nem de noite se fecharão, para que te sejam trazidas riquezas das nações, e, conduzidos com elas, os seus reis. Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas. A glória do Líbano virá a ti; o cipreste, o olmeiro e o buxo, conjuntamente, para adornarem o lugar do meu santuário; e farei glorioso o lugar dos meus pés.
- **Ezequiel 37:24-28** O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram; habitarão nela, eles e seus filhos e os filhos de seus filhos, para sempre; e Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente. Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua. Estabelecê-los-ei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles, para sempre. O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. As nações saberão que eu sou o SENHOR que santifico a Israel, quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles.

Mas seria correto interpretar essas profecias do AT como descrições do futuro reino milenar que Cristo estabelecerá na terra em sua segunda vinda de forma literal ou devemos analisar na ótica do NT?

À medida que lemos o NT, entendemos que os profetas do AT falaram das glórias do tempo messiânico, aquela era inaugurada por Cristo e na qual a igreja agora vive. Os aspectos centrais dessas bênçãos são os conceitos do povo de Israel, da terra de Canaã, da cidade de Jerusalém, do templo, dos sacrifícios e do

trono de Davi. É uma forma comum quando desejamos descrever a um amigo algo que ele nunca experimentou ainda, fazemo-lo mediante recursos que ele já conhece.

Para comunicar ao povo de Deus que vivia sob a antiga aliança, os profetas inspirados pelo Espírito falaram das bênçãos que Deus derramaria sob a nova aliança em termos de imagens familiares aos santos da antiga aliança.

### O verdadeiro Israel

Quem é o verdadeiro Israel de Deus? O verdadeiro Israel é Cristo.

Ele é o Servo sofredor do Senhor, aquele que é o próprio Deus.

**Isaías 42:1-7 Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz; pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios. Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja; em verdade, promulgará o direito. Não desanimará, nem se quebrará até que ponha na terra o direito; e as terras do mar aguardarão a sua doutrina. Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus e os estendeu, formou a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela. Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas.**

Isso se refere a uma nação que é vista como serva do Senhor, ou trata-se de um indivíduo, o Messias?

Sim, a nação de Israel foi chamada para ser serva de Deus, uma luz para iluminar as nações e glorificar o nome de Deus. Mas uma vez que o povo escolhido foi infiel ao seu chamado e falhou em cumprir os propósitos de sua divina eleição, o Senhor designou seu próprio eleito, seu servo, seu verdadeiro Israel.

Dado que Cristo é o verdadeiro Israel, a verdadeira semente de Abraão, nós que estamos em Cristo pela fé e pela operação de seu Espírito, somos o verdadeiro Israel, o Israel da fé, e não meros descendentes naturais.

**Gálatas 3:7 Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão.**

Dizemos: "Sim, a nação de Israel era o povo de Deus na antiga aliança. Agora, na nova aliança, a igreja cristã é o povo de Deus".

### Canaã, a Terra Prometida

Aprendemos no NT que Canaã, a terra da promessa, não era senão um tipo da mais plena e rica herança que é de Abraão e de todos os seus descendentes em Cristo. **II Pedro 3:13 Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.**

Aguardamos o lar divino da nova raça de homens e mulheres em Cristo Jesus, o segundo Adão.

**Romanos 4:13 Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé.** Essa passagem fala do que é celestial. Mas isso não nos deve levar à contestação de que a herança de Abraão não seja também terrena; e como tal, ela não é prometida a Abraão e aos seus descendentes por mil anos apenas. Isaías, Pedro e João falam dessa herança em termos de "um novo céu e uma nova terra". O futuro lar de Cristo e de seu povo será tanto terreno quanto celeste.

O amilenismo reconhece que realmente o novo céu e a nova terra será terreno, porém, eterno, não meramente por mil anos. A abrangência da realização redentiva de Cristo será tão completa e perfeita para o ambiente humano quanto para os próprios seres humanos.

### A santa cidade de Jerusalém

Quando pensamos sobre o que o NT diz a respeito da santa cidade de Jerusalém, temos o texto **Hebreus 12:18-24 Ora, não tendes chegado ao fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao clangor da trombeta, e ao som de palavras tais, que quantos o ouviram suplicaram que não se lhes falasse mais, pois já não suportavam o que lhes era ordenado: Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado. Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo! Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e**

**ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel.** Aquela foi uma cena terrível. Fogo, escuridão, nuvens e tormenta; o som da trombeta, a própria voz de Deus, morte para um passo em falso. O próprio Moisés, o líder com quem Deus havia falado face a face, estava tremendo de medo.

Mas se reagirmos com medo não veremos que se a realidade da experiência inaugurativa da antiga aliança foi tão apavorante e a penalidade por considerá-lo levemente e desrespeitar as advertências do Deus era coisa realmente séria, quão mais temível é a experiência do cristão da nova aliança. Maiores ainda serão as consequências eternas de voltar às costas para Deus, o qual revelou-se a si mesmo muito mais plena e claramente em seu Filho, o mediador da nova aliança.

Não viemos a uma montanha criada, e isso era tudo o que o monte Sinai representava naquela assustadora ocasião da entrega da aliança. Não chegamos ao lugar santíssimo no tabernáculo ou do templo terreno. Viemos ao verdadeiro Lugar Santíssimo, à presença do próprio Deus! Viemos ao trono celestial de Deus, o verdadeiro e eterno monte Sião.

A distinção bíblica entre a Jerusalém terrestre e a celestial não é entre o "literal" e o "espiritual", e sim a diferenciação entre a cópia e a coisa real.

**Hebreus 9:23-24 Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores. Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus.**

Pense na ênfase de João sobre o "verdadeiro" em seu Evangelho. Jesus é a videira verdadeira, a verdadeira luz, o verdadeiro pão. Jesus é a realidade para a qual apontavam a videira na parede do templo, a luz do candelabro e o pão consagrado no santuário.

Quando pensamos no significado de Jerusalém como a capital divinamente escolhida do povo da aliança, também pensamos a respeito do trono de Davi e do templo.

### O reino de Davi

Com relação às promessas feitas a Davi, podemos observar primeiramente que Lucas apresenta a vinda de Jesus como o cumprimento dessas promessas. **Lucas 1:30-33 Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim.**

O reino do Filho maior de Davi deve ser um reino eterno, conforme prometido em:

- **II Samuel 7:16 Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre.**
- **Isaías 9:6 Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz**

Assim como a promessa a Abraão de uma terra perpétua não pode ser cumprida nesta atual terra amaldiçoada pelo pecado, assim também a promessa de um trono eterno para Davi não pode ser cumprida em nenhum ser mortal.

No livro de Atos, o apóstolo Pedro vê o cumprimento da promessa de 2Samuel 7.16 na ressurreição de Jesus. **Atos 2:30-31 Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção.** (veja At 2.30,31):

Mas ele [Davi] era um profeta e sabia que Deus lhe prometera sob juramento que colocaria um dos seus descendentes em seu trono. Prevendo isso, falou da ressurreição do Cristo...

### O templo de Deus

Muito se fala no AT do templo de Deus. O tema principal no quadro profético do que Deus prometeu fazer nos dias do Messias é o fato de que ele restauraria ao seu povo as bênçãos anteriores. Mas essa não é toda a história. Não só no NT, mas nos próprios profetas do AT, é revelado que o cumprimento das bênçãos da nova aliança excederia em muito aquelas que o povo de Deus conhecera uma melhor fase da antiga aliança.

Não só o remanescente reunido de Israel e Judá deve ser resgatado:

- **Isaías 11:13** Afastar-se-á a inveja de Efraim, e os adversários de Judá serão eliminados; Efraim não invejará a Judá, e Judá não oprimirá a Efraim.
- **Ezequiel 37:15-22** Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Tu, pois, ó filho do homem, toma um pedaço de madeira e escreve nele: Para Judá e para os filhos de Israel, seus companheiros; depois, toma outro pedaço de madeira e escreve nele: Para José, pedaço de madeira de Efraim, e para toda a casa de Israel, seus companheiros. Ajunta-os um ao outro, faze deles um só pedaço, para que se tornem apenas um na tua mão. Quando te falarem os filhos do teu povo, dizendo: Não nos revelarás o que significam estas coisas? Tu lhes dirás: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que tomarei o pedaço de madeira de José, que esteve na mão de Efraim, e das tribos de Israel, suas companheiras, e o juntarei ao pedaço de Judá, e farei deles um só pedaço, e se tornarão apenas um na minha mão. Os pedaços de madeira em que houveres escrito estarão na tua mão, perante eles. Dize-lhes, pois: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei para a sua própria terra. Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e um só rei será rei de todos eles. Nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos.
- **Oséias 1:11** Os filhos de Judá e os filhos de Israel se congregarão, e constituirão sobre si uma só cabeça, e subirão da terra, porque grande será o dia de Jezreel.
- **Oséias 3:5** Depois, tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao SENHOR, seu Deus, e a Davi, seu rei; e, nos últimos dias, tremendo, se aproximarão do SENHOR e da sua bondade.

Os gentios também estão incluídos:

- **Isaías 2:2-4** Nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do SENHOR será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém. Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.
- **Miquéias 4:1-3** Mas, nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do SENHOR será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão os povos. Irão muitas nações e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião procederá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém. Ele julgará entre muitos povos e corrigirá nações poderosas e longínquas; estes converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.

Os desterrados de outras nações são reunidos com os cativos de Israel:

- **Isaías 56:6-8** Aos estrangeiros que se chegam ao SENHOR, para o servirem e para amarem o nome do SENHOR, sendo deste modo servos seus, sim, todos os que guardam o sábado, não o profanando, e abraçam a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha Casa de Oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos. Assim diz o SENHOR Deus, que congrega os dispersos de Israel: Ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos.
- E seus sacrifícios serão aceitos no altar de Deus. **Zacarias 14:16-19** Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrar a Festa dos Tabernáculos. Se alguma das famílias da terra não subir a Jerusalém, para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva. Se a família dos egípcios não subir, nem vier, não cairá sobre eles a chuva; virá a praga com que o SENHOR ferirá as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos. Este será o castigo dos egípcios e o castigo de todas as nações que não subirem a celebrar a Festa dos Tabernáculos.

Dentre os gentios recolhidos, Deus escolherá sacerdotes e levitas:

- **Isaías 66:21 Também deles tomarei a alguns para sacerdotes e para levitas, diz o SENHOR.**

A chave para o cumprimento dessas maravilhosas promessas é a vinda de Cristo. O próprio Jesus declarou: **Mateus 12:6 Aqui está o que é maior do que o templo.** Jesus falou da reconstrução do templo após três dias. **João 2:19-22 Jesus lhes respondeu: Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei. Replicaram os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás? Ele, porém, se referia ao santuário do seu corpo. Quando, pois, Jesus ressuscitou dentre os mortos, lembraram-se os seus discípulos de que ele disserá isto; e creram na Escritura e na palavra de Jesus.**

Jesus refere-se ao seu próprio corpo como um templo. Jesus fala de sua ressurreição como o reerguimento do templo, não por causa de o corpo de alguém ser simbolizado por um templo, mas porque ele é o verdadeiro templo de Deus.

Tudo aquilo que o templo significa, então, é cumprido em Jesus Cristo: a habitação da glória de Deus no santuário; a provisão do sacrifício expiatório no portão; a reunião da congregação onde os louvores e orações de Israel ascendem da santa festividade; a corrente água da vida que vem do limiar da casa são todas realidades em Cristo.

Cristo é o verdadeiro templo, não devemos procurar por outro. Quando foi dado ao apóstolo João a visão de um novo céu e uma nova terra, e da Cidade Santa, a nova Jerusalém, declara:

- **Apocalipse 21:2 Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.**

E então relata:

- **Apocalipse 21:22 Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.**

Se os judeus fossem, algum dia, reconstruir um novo templo sobre a rocha em Jerusalém, esse não seria um cumprimento da Palavra de Deus, mas uma negação dela e de sua obra, uma negação do Senhor Jesus Cristo.

Nenhum outro fundamento pode ser lançado, além do que já foi posto. **I Coríntios 3:11**

Nenhum outro templo pode ser levantado sobre esse fundamento, senão o que já foi erguido, e no qual todos os santos de Deus, judeus e gentios, estão edificados como pedras vivas:

- **Eféios 2:19-22 Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.**
- **I Pedro 2:4-5 Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo.**

### **A SEGUNDA VINDA DE CRISTO: O PONTO FINAL DA HISTORIA REDENTIVA**

O AT não ensina um futuro reino milenar de Cristo. Os profetas vetero-testamentários falam sobre o reino do Messias e suas bênçãos como perpétuas. O NT não ensina um reino milenar terreno em seguida ao retorno de Cristo, porque o NT revela claramente que os eventos seguintes a ele são todos simultâneos, ocorrendo juntamente em um grupo de eventos finais, um grande e dramático encerramento da história da redenção:

- A segunda vinda de Cristo,
- A ressurreição dos crentes mortos em Cristo
- "Transformação" dos crentes vivos. **I coríntios 15:51-52 Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.**

- A ressurreição dos ímpios,
- O julgamento de todos,
- O fim, os novos céus e a nova terra,
- A inauguração do reino final de Deus,
- A bendita condição eterna dos resgatados.

A Bíblia teria que ser mal interpretada para ajustar-se a um período milenar depois do retorno de Cristo, separando a ressurreição dos ímpios da ressurreição dos justos, o julgamento daqueles da vinda de Cristo e o julgamento dos crentes, e a renovação do cosmos (um novo céu e uma nova terra) da vinda de Cristo.

**João 5:28-29 Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.**

A hora esta chegando, diz o Senhor, na qual todos os mortos ressuscitarão e junto com os vivos todos serão julgados.

O apóstolo Paulo apresenta o mesmo ensinamento: **Atos 24:14-15 Porém confesso-te que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas, tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos.**

Nessa passagem, o apóstolo Paulo dirige palavras de conforto e encorajamento à igreja:

**I Tessalonicenses 1:2-10 Damos, sempre, graças a Deus por todos vós, mencionando-vos em nossas orações e, sem cessar, recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição, porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção, assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós. Com efeito, vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo, de sorte que vos tornastes o modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia. Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor não só na Macedônia e Acaia, mas também por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar coisa alguma; pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura.**

Note que será um julgamento apenas e ao mesmo tempo em que:

- 1) Deus retribuirá tribulações àqueles que causaram tribulações aos crentes;
- 2) Punirá os que não conhecem a Deus e não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus.
- 3) Deus dará alívio aos que estão sendo atribulados.
- 4) Esse duplo julgamento será dosado por Deus, "quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com seus anjos poderosos, em meio a chamas flamejantes". Assim aprendemos que o alívio dos crentes será recebido no retorno visível de Cristo.
- 5) Isso ocorrerá quando Cristo "vier para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram, incluindo os que creram em nosso testemunho". O tempo no qual Cristo será glorificado em seus santos e admirado por todos os que creram, quando chamar a vida aqueles que morreram nele, e levar todos os crentes a encontra-lo no ar, a fim de estarem para sempre com ele.
  - a. **I Tessalonicenses 4.15-18 Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem. Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.**

Tudo isso terá lugar "naquele dia", como uma breve referência a um dia especial na profecia bíblica: o dia do Senhor, o dia do juízo. Esse duplice julgamento pode ser referido como acontecendo na vinda de Cristo para os seus santos, em sua visível revelação desde o céu, naquele dia. Assim, não se pode sustentar que essa vinda, essa revelação, e esse dia, acontecerão em tempos diferentes.

O juízo executado por Deus na vinda de Cristo será duplo: bendito para o povo de Deus e punitivo para os incrédulos. Nada sugere que essa passagem fale apenas da punição temporal (morte) recebida pelos ímpios viventes na terra por ocasião do retorno de Cristo, e do juízo final a ser executado após o milênio. Ele fala não somente daqueles que estavam importunando os tessalonicenses, mas também dos "que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus". Os ímpios não precisam estar vivos no tempo do retorno de Cristo, para poder receber a punição, como os crentes precisam estar vivos na volta de Jesus, a fim de poder receber o refrigério e a bênção final. Essa passagem fala da condenação final e eterna, "destruição eterna [...] separação da presença do Senhor". Aplicada por Deus, o santo juiz, não após a ressurreição dos ímpios no final do milênio, mas no retorno de Cristo.

**Romanos 8.17-23 Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados. Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.**

Aqui, o apóstolo afirma o ardente desejo dos crentes em Cristo e de toda a criação, pela prometida glória vindoura. Ele também fala dos sofrimentos do tempo presente e da glória que nos será revelada.

Falando da "natureza criada", o apóstolo utiliza uma figura de linguagem chamada "personificação"; isto é, ele fala do cosmos material como se esse fosse uma pessoa pensante e sensível. Não apenas os crentes que "gemem" com "grande expectativa" da glória vindoura, mas também "toda a natureza criada". A criação ficou sujeita a esterilidade, deterioração e decadência envolvidas na maldição pronunciada no Éden por causa do pecado de Adão. **Gênesis 3:17-18 E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo.**

O que a sujeitou "na esperança" (Rm 8.20) foi Deus a "esperança" de que Paulo fala e a esperança da renovação cósmica prometida em outro lugar na Bíblia: "a regeneração [renovação] de todas as coisas" (Mt 19.28); "o tempo em que Deus restaurara todas as coisas" (At 3.21); "novos céus e nova Terra" (2Pe 3.13; Ap 21.1; v. Is 65.17; 66.22).

Ou seja, essas são "as dores de parto" de que Paulo fala em Romanos 8.22; elas não são dores de morte. Este mundo será renovado e não aniquilado. Caso contrário, Paulo não poderia ter dito que ele ficou sujeito "em esperança" (8.24,25). Eis por que deveríamos falar de renovação cósmica em vez de destruição cósmica. Pense no paralelo que Pedro faz entre o juízo futuro e o antigo juízo do Dilúvio: "O mundo daquele tempo foi [...] destruído", mas certamente não aniquilado (2Pe 3.6). Compare a imagem que Paulo faz do cristão como um "novo homem" (Ef 4.24; Cl 3.10 KJV), e como uma "nova criação" (Gl 6.15). O novo ser e o antigo feito novo.

O cristão não é uma nova pessoa no sentido absoluto, como se Deus houvesse escolhido criar um povo para si mesmo a partir do ar rarefeito ou das pedras da margem da estrada. Jesus disse que Deus poderia fazer isso (Mt 3.9), mas ele preferiu não fazê-lo. Antes, pelo poder do espírito de Cristo, ele escolheu fazer novos os pecadores perdidos. A renovação do cosmos é comparável à ressurreição do corpo. fê quão novo será esse corpo . tão diferente de nosso corpo presente como o grão que surge da semente que foi semeada (1Co 15.35-44). Contudo, Paulo indica que haverá uma conexão (embora ela possa ser misteriosa a nossa mente) para os nossos corpos atuais. Todavia, esse milagre não poderia ser descrito como uma "ressurreição" de nossos corpos.

Paulo retrata de forma expressiva o ansioso desejo dos crentes e de toda a criação e ele se regozija no fato de que esse desejo será satisfeito; os justos e a criação conhecerão uma segura e completa libertação. Paulo expressa esse futuro livramento do povo de Deus de vários modos. Ele fala da glorificação com Cristo (Rm 8.17), "a glória que em nós será revelada" (v. 18), a revelação dos filhos de Deus (v. 19), "gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (v. 21), "nossa adoção como filhos, a redenção do nosso corpo" (v. 23). Todos esses termos falam da libertação completa do pecado e dos seus resultados maravilhosos advindos dessa libertação.

Paulo nos fala aqui sobre quando essa libertação total será nossa . na ressurreição. Ele a chama de "a redenção de nos-so corpo", o grande objetivo para o qual os crentes receberam o selo do Espírito Santo como depósito, "a garantia da nossa

94

herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus" (Ef 1.14). O apóstolo também se refere a ela como "nossa adoção", porque as implicações completas da bendita adoção que já desfrutamos em uniaão com o Filho de Deus serão efetivadas naquele momento. E, como veremos, Paulo ensina claramente em I Coríntios 15.23 que a ressurreição dos que pertencem a Cristo ocorrerá na vinda de Cristo [parousia]. Paulo descreve a libertação da criação como o resgate "da escravidão da decadência [...] a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (Rm 8.21). Assim, o livramento da criação de todas as corruptoras consequências do pecado humano que a afetaram será tão completa e final quanto a libertação do povo de Deus do pecado e suas consequências.

Aqui novamente o apóstolo dirige nossa atenção para o tempo em que essa libertação será realizada: quando "os filhos de Deus [forem] revelados" (Rm 8.19). O dia de sua "revelação" [apokalypsis] como filhos de Deus e a gloriosa meta da expectativa dos crentes, e também a expectante meta da criação. Nesse tempo, a própria criação será libertada "da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (v. 21). A "revelação dos filhos de Deus" e "a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" não podem ser adiadas para além da vinda de Cristo e da ressurreição, nem o livramento da criação postposto ao grande dia.

Isso é descartado pelos versículos 22 e 23, nos quais vemos os crentes e toda a criação gemendo juntos e esperando pela adoção que aqui é definida como "a redenção de nossos corpos". Esse maravilhoso evento, a ressurreição, e assim revelado como o ponto final do gemido da criação.

Portanto, o significado dessa passagem com relação ao assim chamado "assunto milenar" está claro. O apóstolo Paulo, por inspiração do Espírito Santo, ensina que a glória da ressurreição dos filhos de Deus marcará também a glória da ressurreição da criação. Na vinda de Cristo, e não um milênio mais tarde, "a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência", e participará da glória que é comparada a "gloriosa liberdade dos filhos de Deus".

2 Pedro 3.3-14

Uma cuidadosa leitura dessa passagem revelará que Pedro apresenta um quadro do que acontecerá quando nosso Senhor

95

retornar, que está em total harmonia com o ensino de Paulo em Romanos 8.17-23.

Pedro está respondendo aos escarnecedores que perguntarão: "O que houve com a promessa da sua vinda?" (2Pe 3.4), declarando que "o dia do Senhor virá" (v. 10). Está claro que a "vinda" [parousia] de Cristo e o "dia do Senhor" referem-se ao mesmo evento. Caso contrário, a afirmação de Pedro no versículo 10 não seria relevante como resposta à pergunta zombeteira do versículo 4. Nos versículos 7, 10, 11, 12 e 13, Pedro fala do que pode ser chamado de "renovação cósmica" . isto é, a destruição do céu e da terra atuais por fogo, de forma que um novo céu e uma nova terra, "o lar dos justos", possam surgir. Isso terá lugar, diz Pedro, no "dia do juízo e [...] [da] destruição dos ímpios" (v. 7).

Os pre-milenaristas têm respondido com frequência que essa simultaneidade do juízo sobre os ímpios e a queima do mundo com fogo não representa problema para seu ponto de vista, uma vez que o pre-milenarismo entende que os dois eventos ocorrem no final do milênio. Mas não é simplesmente que nessa passagem a renovação cósmica esteja colocada dentro do "dia do Senhor" (v. 10; "o dia de Deus", v. 12) . como se pudessemos conceber o dia do Senhor como um longo período de tempo, com o julgamento



dos ímpios e a renovação cósmica tendo lugar no fim desse dia. Mais exatamente, e a vinda (parousia) do dia do Senhor que e identifica-da com o desaparecimento dos atuais céus e terra.

Essa interpretação do versículo 10 e confirmada pelo versículo 12. Infelizmente, a NVI refere-se aqui apenas ao "dia de Deus". O texto grego fala da "vinda [parousia] do dia de Deus". A NASB traduz assim o versículo 12: "aguardando e apressando a vinda do dia de Deus". Novamente, e a vinda do dia de Deus que marca a fusão dos elementos pelo calor. Note que aqui Pedro faz a mesma exortação a vigilância e santidade de vida aos crentes, em vista da vindoura desintegração dos céus e terra atuais (v. 11, 13 e 14), que também e feita em outra parte do NT devido a vinda do próprio Cristo. A vinda de Cristo e a transformação do cosmos são apresentadas como a meta do cristão vigilante, pois elas ocorrerão concomitantemente.

Em outras palavras, o quadro apresentado pelo Espírito por intermédio de Pedro não permite que mil anos intervenham

96

entre a segunda vinda de Cristo e a vinda do dia do juízo divino e da renovação cósmica.

1Coríntios 15.20-26

Os pre-milenaristas tem, com frequência visto essa passagem de Paulo não apenas meramente compatível com a doutrina pre-milenarista, mas também como apoio para aquela doutrina:

Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dentre aqueles que dormiram. Visto que a morte veio por meio de um só homem, também a ressurreição dos mortos veio por meio de um só homem. Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um por sua vez: Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem. Então virá o fim, quando ele entregar o reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder. Pois e necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído e a morte.

Alguns argumentam que, uma vez que o apóstolo, no versículo 22, refere-se a ressurreição geral . deveríamos esperar que ele falasse da ressurreição dos injustos nos versículos 23 e 24. Assim, a referência de Paulo ao "fim" no versículo 24 precisa ser interpretada como apontando para outra fase, a final, depois da ressurreição pos-milenar: "Então virá o fim [da ressurreição]". Mas o fato e que não há referência a ressurreição geral no versículo 22.

Aqueles que discutem que Paulo fala aqui da ressurreição de toda a humanidade insistem que a palavra "todos", na oração ("todos serão vivificados"), deve ser tão inclusiva quanto o termo "todos" da primeira oração ("todos morrem"). Em outro lugar, porém, o apóstolo usa a palavra "todos", cuja referência não e inclusiva; e ele pode usar esse vocabulário nas duas orações de uma mesma sentença, quando em apenas uma delas houver a referência inclusiva. Imediatamente, pensamos em Romanos 5.18, em que a linguagem de Paulo e, de forma notável, paralela a 1Coríntios 15.22: "Consequentemente, assim como uma só transgressão resultou na condenação de todos os homens, assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a todos os homens". Embora o "todos os homens" na primeira frase seja inclusiva (excluindo

97

apenas nosso imaculado Salvador), essa expressão repetida na segunda frase não pode ser todo-inclusiva, porque o contexto deixa claro que Paulo está aí falando daquela justificação que e para a vida eterna; e e contrário a teologia de Paulo dizer que todos os homens e mulheres recebem essa justificação, quer confiem em Cristo, quer não.<sup>19</sup>

Também, em 1Coríntios 15.22, quando Paulo fala de que "em Cristo todos serão vivificados" . o verbo e a frase preposicional são usados de forma coerente no NT para se referir a todas as mais elevadas e concebíveis bênçãos . devemos insistir que essa ressurreição que Paulo tem em vista no versículo 22 e para a vida eterna. Em parte alguma de 1Coríntios 15 a ressurreição dos ímpios e inserida no quadro.

O fundamento da interpretação pre-milenarista dos versículos 23 e 24 apoia-se na presença de dois advérbios (epeita e eita), "advérbios de tempo, denotando sucessão"<sup>20</sup> . os dois traduzidos por "então" na NVI. Discute-se que assim como "um intervalo não identificado" interpos-se entre a ressurreição de Cristo e a ressurreição dos que pertencem a ele (um intervalo assinalado pelo advérbio grego epeita no v. 23), também "um segundo intervalo indefinido" intervira entre a ressurreição dos crentes na vinda de Cristo e

"o fim" (um intervalo assinalado pelo adverbio grego eita, no v. 24).<sup>21</sup> Esse intervalo é o reino milenar de Cristo, o reino de Cristo como distinto do reino do Pai. George Ladd escreve:

Alguem pode arrazoar, então, que o "fim" deve ter lugar em um período considerável após a parousia de Cristo, em cujo tempo (no fim) ele entregara o reino ao Pai quando, por meio do seu reinado durante o período interveniente, ele completou a tarefa de subjugar todos os inimigos.<sup>22</sup>

Em resposta a isso, precisa ser admitido que o adverbio eita pode assinalar um longo intervalo, da mesma maneira que o adverbio epeita indica um extenso intervalo no versículo 10-23. Mas qualquer um desses "adverbios de sequência" também pode ser usado no sentido de sequência imediata: por exemplo, epeita em Lucas 16.7; eita em João 20.27. Não o pro-prio adverbio, mas o contexto pode determinar a extensão do intervalo assinalado pelo adverbio. O adverbio sozinho não pode carregar todo o peso da construção pre-milenarista que se apoia nele. Berkouwer observa:

98

A sequência de pensamento em I Coríntios 15.23s não é uma série: a ressurreição de Cristo seguida pela ressurreição dos crentes e finalmente pela ressurreição geral. A ênfase está sobre Cristo e o poder de sua ressurreição. A interpretação da sequência epeita [...] eita [...] como uma referência paulina ao milênio tem vestígios de ser muito influenciada por Apocalipse 20.23

O que, pois, podemos apreender do contexto que dá a resposta sobre a extensão do intervalo assinalado pelo segundo "então", o "então" do início do versículo 24?

1) O contexto maior das cartas de Paulo (e o Novo Testamento em geral) mostra-nos que "o fim" não pode ser separado da segunda vinda de Cristo. Por exemplo, note como o apóstolo, no início dessa mesma carta aos Coríntios, concilia a revelação (apokalypsis) de nosso Senhor Jesus Cristo, o fim e o dia de nosso Senhor Jesus Cristo: "...Enquanto vocês esperam que o nosso Senhor Jesus Cristo seja revelado. Ele os manterá firmes até o fim, de modo que vocês serão irreprensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 1.7,8).

2) Olhando com mais atenção I Coríntios 15, nos versículos 24-26, aprendemos que Cristo destruirá a morte, "o último inimigo", no "fim". Esse será o último ato que Cristo realizará quando colocar todos os inimigos debaixo de seus pés e "entregar o reino a Deus, o Pai". Mas, observe que nos versículos 54 e 55, o apóstolo Paulo uma vez mais fala da futura vitória sobre a morte.

...Então se cumprirá a palavra que está escrita: "a morte foi destruída pela vitória".

"Onde está, a morte, a sua vitória?"

Onde está, a morte, o seu aguilhão?"

O adverbio "então" (tote), no centro do versículo 54, fala quando a vitória sobre a morte será conquistada. Esse "então" aponta para o que Paulo vem descrevendo em vários versículos: a ressurreição dos crentes.

Portanto, devemos concluir que a vitória sobre a morte ocorreu na ressurreição dos crentes (v. 54), que, por sua vez, aconteceu na vinda de Cristo (v. 23), e que essa vitória se dará no "fim" (v. 24-26). Assim, outra vez o "fim" não pode ser separado da segunda vinda de Cristo. Por consequência, a força do "então", no versículo 24, precisa ser aquela do "imediatamente então".

99

O pre-milenarismo argumenta que Paulo fala de duas vitórias sobre a morte nesse capítulo: uma preliminar, na vinda de Cristo e ressurreição de crentes (v. 54 e 55), e outra, final, após o milênio, na ressurreição e julgamento dos ímpios (v. 24-26). Nada há, porém, na linguagem do apóstolo que apoie esse raciocínio. O próprio Paulo não apresenta uma distinção entre a morte para crentes e outra para os incredulos. Nas duas partes, ele fala simplesmente de "morte", sem qualificação adicional. De fato, não há evidência de que Paulo tenha em mente a ressurreição dos ímpios em qualquer uma dessas passagens quando relata a destruição da morte, o último inimigo. Não seria bastante estranho que Paulo se alegrasse na ressurreição, julgamento e castigo final dos ímpios, como atos nos quais a morte será finalmente destruída? O fato é que a morte jamais é destruída até os maus serem afetados. Para eles, a ressurreição do corpo é somente o prelúdio do julgamento final e o que a Bíblia chama de "a segunda morte" (Ap 20.6).

O reino intermediário de Cristo alcança seu final culminante quando ele destrói o último inimigo, a morte, trazendo novamente seu povo a vida (v. 54 e 55), por ocasião de sua vinda (v. 23). Agora, se o "fim"

acontece na vinda de Cristo, quando seu reino intermediario começa? O NT nos aponta claramente a ressurreição e glorificação de Cristo como o começo desse reinado (veja At 2.36; Ef 1.20-23; Fp 2.9-11; Hb 1.3; 10.12,13; IPe 3.21,22). Em Efesios 1.21, Paulo se vale das mesmas palavras gregas usadas em ICorintios 15.24 (arche, exousia e dynamis) e, na mesma ordem: "inuito acima de todo governo e autoridade, poder e dominio". Essa passagem de Efesios também nos fala que foi quando Deus "ressuscitando-o dos mortos" (v. 20), exaltou a Cristo para dar inicio a esse dominio e reinado.

Em ICorintios 15.24-27, o apóstolo alegra-se no dominio intermediario que Cristo esta agora exercendo com o objetivo de por todos os inimigos sob seus pes. Esse reino será completado quando Cristo vier e "a ultima trombeta" assinalar o dia da ressurreição para o povo de Deus (15 . 52).<sup>24</sup> A transformação na ressurreição nos possibilitara herdar o reino de Deus . aquele final e eterno reino de Deus que aqui e contrastado com o reino intermediario de Cristo.<sup>25</sup>

Quando Paulo fala claramente que Cristo um dia entregara o reino nas maos do Pai (v. 24) "a fim de que Deus seja tudo

100

em todos" (JÉ. 28), ele não esta contradizendo Pedro, que fala do "reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2Pe 1.11). Devemos lembrar-nos que esse e especificamente o reino de Cristo de conquista sobre seus inimigos, que Paulo tem em vista em ICorintios 15. Quando essa conquista estiver completa e todo inimigo for destruido, essa especie particular de reino tera alcançado seu fim. A historia redentiva tera atingido sua dramatica conclusao; cada proposito divino tera sido cumprido; e o Filho entregara ao Pai o dominio intermediario, que lhe fora dado com o proposito de alcançar justica perfeita e paz, a eterna shalom de Deus.

#### DUAS PASSAGENS CONSIDERADAS DECISIVAS PELOS MILENARISTAS Romanos II

Os pre-milenaristas e os pos-milenaristas apelam para essa passagem como provedora de apoio significativo a sua posição. George Ladd, por um lado, insiste que "ha duas passagens no NT que não podem ser evitadas",<sup>26</sup> as quais apontam claramente para uma perspectiva pre-milenar; uma delas e Romanos 11.26. John Murray, por outro lado, tem sido considerado com frequencia um pos-milenarista de "um-texto", com base em sua interpretação da frase "vida dentre os mortos" de Romanos 11.15, como uma expressao figurada que fala acerca de uma "aceleração sem precedente do mundo, na expansao e sucesso do evangelho", resultante da "recepção de Israel novamente no favor e bênção de Deus".<sup>27</sup>

Contudo, deveria ser enfatizado que a conclusao de Paulo em Romanos 11, que prediz uma futura conversao em massa do Israel etnico antes do retorno de Cristo, não prova, por si so, a correção de qualquer posição milenar particular. Afinal, essa explanação não foi apresentada somente por pre-milenaristas e pos-milenaristas, mas também por alguns destacados amilenaristas. Por exemplo, Geerhardus Vos ve o aposto-10 falando nesse capitulo da "recepção da maioria de descrentes judeus no favor divino", uma conversao nacional "em grande escala em um predeterminado ponto no futuro".<sup>28</sup> Mais recentemente, Stanley Grenz insistiu que "o apóstolo antecipa claramente a futura conversao de Israel em grande escala, um evento que introduziria um glorioso dia para o mundo inteiro". Grenz, porem, nota que tal esperanca "não requer um

101

reinado terrestre milenar de Cristo, pois a conversao de Israel poderia facilmente preparar tanto para a inauguração do Estado eterno, quanto para a dourada era terrena".<sup>29</sup>

A alegação de Grenz de que em Romanos 11 o apóstolo prediz "claramente" uma futura conversao nacional de Israel e discutivel, como veremos. Mas o que e inegavelmente claro e que em toda essa seção da epistola, na qual Paulo focaliza especialmente a questão do lugar dos judeus no plano divino de salvação (caps. 9.11), ele não diz uma palavra sobre o retorno dos judeus a Terra Prometida, ou sobre um reino milenar no qual Cristo reinara em Jerusalem; nem ha ali referencia clara a "era dourada" antes do retorno de Cristo, na qual este mundo será amplamente cristianizado. O amilenarista pode "relaxar" enquanto estuda essa passagem, sabendo que as posicoes milenares não estão em jogo.

Mas precisamos perguntar se realmente a intenção de Paulo, em Romanos 11, e predizer a conversao futura do Israel nacional. Antes de considerar essa questão, temos de nos recordar do contexto em que o argumento desse capitulo aparece.

Em Romanos 1, o apóstolo fala do evangelho como o poder de Deus para a salvação de todo aquele que cre, "primeiro do judeu [...]" (1.16). Mas Paulo era sensível ao fato de que essa reivindicação poderia ser contestada pela grande maioria dos judeus. Ele bem sabia da objeção: "Se a vinda do Messias de-veria marcar uma era de grande bênção para Israel, como explicar que os judeus rejeitaram esse a quem voce chama de Messias, Paulo? Os judeus não parecem ter sido abençoados por ele". Joao Calvino também expressou essa contradição: "Ou [...] não ha qualquer verdade na promessa divina, ou [...] Jesus, a quem Paulo pregava, não e o Cristo de Deus, que tinha sido particularmente prometido aos judeus".<sup>30</sup> Esse e um "problema apologetico" que Paulo enfrenta com fran-queza nos capitulos 9.11.

No capitulo 9.1-5, Paulo inicia sua resposta pelo reconhe-cimento de que Israel ainda era realmente escolhido por Deus e assim o possuidor das mais elevadas bênçãos espirituais, e pelo reconhecimento, com grande tristeza, de que seus com-panheiros judeus (em sua maioria) não estavam agora usu-fruindo a bênção da salvação em Cristo. Mas, iniciando no versiculo 6, ele rejeita a implicação falsamente extraída desse

102

fato: "Não pensemos que a palavra de Deus falhou. Pois nem todos os descendentes de Israel sao Israel". Como poderia Deus rejeitar uma nação a quem havia esco-lhido? A resposta de Paulo: Eleição e nacionalidade não sao igualmente inclusivas. Que Israel seria abençoado, não signifi-ca necessariamente que toda a nação seria bendita. O verdadei-ro Israel consiste nos filhos da promessa, a eleição da graca, e eles foram abençoados. Paulo fornece uma serie de exemplos para mostrar que os meros descendentes fisicos de Abraao não tem garantida a posse das bênçãos prometidas ao patriarca.

Comecando no capitulo 9.30, o foco do argumento de Pau-

10 muda da eleição da graca de Deus para a resposta de ho-mens e mulheres . ou da fe, que olha para a justica que Deus prove, ou da incredulidade, que busca estabelecer sua pro-pria justica. O judeu será recebido por Deus na mesma base que o gentio (10.11-13); o problema dos judeus não e que não tiveram o evangelho anunciado a eles; antes, eles não creram no evangelho (10.16-21).

No inicio do capitulo 11,0 apóstolo repete o argumento do capitulo 9. Deus tem seu verdadeiro Israel, seus eleitos, mas essa eleição não e coextensiva a toda a nação. O proprio Paulo e um exemplo de judeu eleito (11.1). Ate mesmo Elias apren-deu que o remanescente eleito e contado como sete mil em seus dias, "hoje ha também um remanescente escolhido pela graca" (11.5). "Que dizer entao?", Paulo conclui no versiculo 7: "Israel não conseguiu aquilo que tanto buscava, mas os elei-tos o obtiveram. Os demais foram endurecidos..."

Muitos comentaristas, porem . não apenas milenaristas, como pudemos notar ., veem o argumento de Paulo toman-do um novo rumo no versiculo 11. Com frequencia, o capitulo

11 e esboçado deste modo: Paulo responde a questão proposta no versiculo 1 ("Acaso Deus rejeitou o seu povo?"), declarando que a rejeição dos judeus não e total (v. 1-10), tampouco final (v. 11-32). Mas o fato e que Paulo consistentemente apresenta apenas uma resposta nos capitulos 9.11, a saber, que a rejei-ção de Israel não e total e que nem todos os de Israel sao Israel. Romanos 11 trata do lugar de Israel nos propositos redentivos de Deus no tempo presente, e não em um tempo futuro.

Naturalmente, para estabelecer essa conclusao seria neces-saria uma analise cuidadosa do capitulo 11, o que não pode-

103

mos fazer aqui.<sup>31</sup> Podem ser observados brevemente apenas dois ou tres pontos cruciais.

Como ja foi indicado, Paulo responde a questão proposta no versiculo 1 ("Acaso Deus rejeitou o seu povo?"), não ao apontar um tempo futuro quando a graca de Deus alcançara, afinal, os judeus, mas, em vez disso, ao marcar o presente, para si mesmo, como "Prova A" da salvadora graca de Deus (v. 1), para os judeus remanescentes "no tempo presente" (v. 5), e . nos versiculos seguintes ao alegado "ponto crucial" em seu argumento (v. 11) . para seu proprio ministerio aos gen-tios, cujos efeitos despertam ciumes nos judeus (veja especi-almente os versiculos 11, 13, 14, 23). E esse processo descrito como "movimento de onda" que e o tema que da unidade aos dos versiculos 11-32, de forma que, ao longo de todo o tempo antecedente ao retorno de Cristo, as aguas divinas de salva-ção continuamente impactam o dique dos gentios e retornam aos judeus.<sup>32</sup>

No início desta seção, ao dar uma resposta negativa a pergunta feita no versículo 11, Paulo anuncia o verdadeiro pro-pósito do tropeço de Israel; e, assim fazendo, ele esboça em uma sentença o ensino do restante do capítulo: "Novamente pergunto: Acaso tropeçaram para que ficassem caídos? De maneira nenhuma! Ao contrário, por causa da transgressão deles, veio salvação para os gentios, para provocar ciúme em Israel" (v. 11 e 12). Isso sumariza todo o argumento de Paulo nos versículos 11-32: Não tente complicá-lo!

Na conclusão culminante desta seção, quando Paulo faz uma síntese de seus argumentos nos versículos 30 e 31, ele novamente recorre ao divino "movimento de onda". Observe especialmente as três vezes que a palavra "agora" aparece nestes versículos:33

Assim como vocês, que antes eram desobedientes a Deus, mas agora receberam misericórdia, graças a desobediência deles, assim também agora eles se tornaram desobedientes, a fim de que também recebam agora misericórdia, graças a misericórdia de Deus para com vocês.

Essa declaração sintética torna claro que a preocupação do apóstolo no capítulo 11 não é prever o futuro, mas explicar o motivo e o propósito de seu presente ministério.

O ministério de Paulo se constitui desse processo "movimento de onda", ao qual Paulo alude no versículo 25.34 Esse e

104

o procedimento que está em foco quando Paulo escreve no versículo 26: "E assim [...]" (literalmente, . esse e o modo [...]). A combinação das palavras gregas que Paulo usa aqui (kai houtos) nunca é utilizada para se referir a sequência temporal ("e então [...]"), mas sempre para fazer alusão quer ao relacionamento lógico, quer a maneira pela qual algo é feito.

A declaração de Paulo no versículo 25 de que "Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegue a plenitude dos gentios", e muitas vezes compreendida como ensinando que depois da plenitude dos gentios ser cumprida, o endurecimento que caiu em parte sobre a nação será suspenso, e Israel, a nação, se converterá. Mas não há nada na palavra grega "até" que indique a ideia de uma conversão nacional futura de Israel. Essa ideia teria de ser explicitamente ensinada em algum lugar no contexto, para podermos abordá-la aqui. Isso simplesmente não pode ser lido no "até que" da frase. Como matéria de fato, de acordo com seu uso comum, a preocupação do "até que" da frase não está em uma situação nova que existira após o fim da presente era, mas na situação que ocorrera antes do fim, e por todo o caminho até o fim do tempo presente. Como nota Joachim Jeremias: "De fato, no Novo Testamento [essa frase grega] regularmente apresenta uma referência ao alcance da meta escatológica".

A esse respeito, veja Apocalipse 2.25,26: "Tão-somente apeguem-se com firmeza ao que vocês têm, até que eu venha. Aquele que vencer e fizer a minha vontade até o fim darei autoridade sobre as nações" (grifo do autor; cf. também Lc 21.24; 1Co 11.26; 15.25). Como Palmer Robertson escreveu:

"Endurecimento [...] até", e muitas vezes compreendido como assinalando o começo de um novo estado de coisas com relação a Israel. Raramente tem sido considerado que "endurecimento [...] até" deveria naturalmente ser interpretado como escatologicamente categórico em seu significado. A frase não insinua um novo começo após um término; ao invés disso, a continuação de uma circunstância prevalecente para Israel até o fim do tempo.35

O que o apóstolo Paulo ensina em Romanos 11.25 e que o endurecimento por parte do Israel étnico continuará até que o número completo dos gentios tenha vindo.

Enfatizamos que o tema de Paulo neste capítulo é o processo do "movimento de onda", pelo qual a salvação vem tanto

105

para gentios quanto para judeus por intermédio desta era evangélica. Embora esse seja um processo que está agora em operação, ele é um processo. Quando Paulo fala da "plenitude" de Israel (v. 11), "todo Israel" (v. 26), e a "plenitude" dos gentios (v. 25), ele está olhando para a conclusão do processo e de seus resultados. De acordo com o apóstolo, a gloriosa bênção que será o resultado da plenitude dos eleitos gentios e da plenitude dos eleitos judeus, agregados a família de Deus pela fé, será nada menos do que "vida dentre os mortos" (v. 15). Isto é, o dia da ressurreição terá chegado!

Contra a sugestão pos-milenarista de que "vida dentre os mortos", em Romanos 11.15, refere-se a "era dourada" a ser introduzida após a conversão nacional de Israel,36 surge o que seria uma objeção

insuperavel. Como essa era pode vir apos a plenitude dos gentios e dos judeus ter chegado? Precisamos compreender o termo "plenitude" (do grego pleroma) em seu sentido completo. Para Paulo, esse e um vocabulo repleto de um significado pleno e rico de consumação. Com a entrada da plenitude de Israel e dos gentios, propositos redentivos de Deus estarao cumpridos. Não havera entao período algum adicional a historia, para delongar a realização das benções da redenção.

#### Apocalipse 20.1-10

Obviamente, essa passagem, o unico lugar na Biblia em que aparece a referencia aos "mil anos", e uma das mais significa-tivas para nossa discussao. George Ladd escreveu:

...ate mesmo se o restante da Biblia silenciasse completamente sobre esse ponto, esse fato não militaría contra a crenca em um milenio, se a exegese do Apocalipse [revelação] o requeresse [...] Po-deria ser que no Apocalipse os elementos da nova revelação fos-sem comunicados a Joao pelo Senhor, para efeitos da ocorrencia de um interregno milenar.<sup>37</sup>

Muitos cristaos concordam com Ladd aqui. Alguns reco-nhecem a si mesmos como "pre-milenaristas de um texto so", com Apocalipse 20.1-10 como aquele texto no qual seu pre-milenarismo repousa.

Mas deveriamos corrigir um engano serio que a declaração de Ladd poderia causar. Alguem poderia pensar que os amilenaristas

106

insistem que Apocalipse 20 não pode ser ensinado como um reino milenar terrestre apos a vinda de Cristo, porque o res-tante das Escrituras emudece a esse respeito. Parece ser isso o que Ladd sugere, o que, porem, não e verdade. Os amilenaris-tas concordariam que se uma verdade e ensinada com incon-fundível clareza na Biblia, ela deve ser crida . mesmo que seja ensinada por um so versiculo. Entretanto, o que precisa ficar claro e que os amilenaristas creem que a Escritura não se cala simplesmente sobre esse ponto. Ela fala sobre o assunto e, as-sim fazendo, poe de parte um tal reino terrestre que se intro-duz entre a segunda vinda de Cristo e o juízofinal, e o novo céu e a nova terra. Esse foi o ponto que frisamos na segunda seção deste ensaio, e essa e a insistencia amilenarista de que a Escritura não se contradiz.

Os amilenaristas pretendem interpretar Apocalipse 20 de maneira consistente com o restante das Escrituras. Ladd insis-te que essa e uma abordagem falsa: "A abordagem exegetica deve sempre preceder a teologica [...] Ninguem pode aproxi-mar-se das Escrituras com um sistema escatologico e ajustar os registros escriturísticos a ele".<sup>38</sup> Ladd quer dizer que não deveriamos estudar Apocalipse 20 com certos preconceitos. Antes, deveriamos interpretar primeiramente o capitulo e en-tao nos preocupar acerca de como ele se ajusta ao restante do ensino biblico. Precisamos, certamente, concordar que essa e uma abordagem saudavel de qualquer passagem biblica. Faze-mos, contudo, duas perguntas:

1) Os pre-milenaristas sao fieis a esse principio em sua in-terpretação das Escrituras? Cremos que Benjamin Warfield es-tava correto em seu julgamento de que

houve muito menos interpretação tendenciosa [interpretação parcial] de Apocalipse 20 no interesse de teoria preconcebida, do que houve interpretação tendenciosa do restante da Escritura no interesse de questoes derivadas da ma compreensao dessa obscura passagem.<sup>39</sup>

2) Será que esse e um principio valido de interpretação bi-blica, que porcoes menos claras e mais dificeis da Biblia se-jam interpretadas a luz das partes mais claras, a poesia a luz da prosa, o figurativo a luz do literal? Isso não e a mesma coisa que dizer que a interpretação pre-milenarista de Apoca-lipse 20 esteja perfeitamente correta e sem qualquer proble-ma de exegese. Mas devemos questionar se deveriamos estar

107

dispostos a colocar de lado todo o NT, OU forcar interpreta-coes artificiais com base em uma breve passagem em um apo-calipse que admitidamente e altamente figurativo, rico em sim-bolos e, portanto, um tanto dificil.

Ladd conclui seu livro com esta declaração: "A pergunta basi-ca permanece: O que requer a exegese de Apocalipse 20? Todas as outras consideracoes devem servir a essa passagem".<sup>40</sup> Por certo que essa e uma declaração surpreendente! Devemos sub-meter todo o restante das Escrituras a Apocalipse 20, e empur-ra-las, comprimi-las e ajusta-las? Entendo que essa seja uma falsa abordagem a interpretação da profecia biblica. Como es-creveu Archibald Hughes: "E um fundamento muito precario, em um livro de visoes

simbolicas, apanhar tal frase . 'mil anos' . e fazer dela um alicerce sobre o qual levantar uma superestrutura de um completo sistema interpretativo".<sup>41</sup>

Ao apresentar agora uma breve interpretação de Apocalipse 20.1-10, um esboço de sete tópicos pode ser útil.

1) Observe que nada há na passagem que forneça alguma sugestão que deva ser relacionada às profecias veterotestamentárias que falam de uma era vindoura de glória nacional para Israel (veja a primeira seção deste ensaio). Essas passagens relatam a herança da Canaã terrestre e a glória para a Jerusalém terrestre. Não há nada sobre isso em Apocalipse 20. Antes, ele fala sobre um reino milenar enquanto as profecias do AT falam de um reino eterno. Então, a primeira vista, poderia parecer que a presente passagem e essas profecias do AT não estão falando do mesmo assunto. Finalmente, não há nada nessa passagem apocalíptica que evidencie um elo entre elas.

2) A ordem na qual as visões aparecem no livro do Apocalipse não é, necessariamente, a ordem de cumprimento. Parece que o final do capítulo 19 nos leva diretamente ao final da era, a segunda vinda de Cristo, a grande batalha final, ao julgamento da besta e do falso profeta. Isso não quer dizer que o capítulo 20 fale do que aconteceu em seguida. As visões ali retratadas podem levar-nos à primeira vinda de Cristo e ao começo da presente era evangélica.

Nesse caso, esse não seria um fenômeno único nesse livro. Talvez o exemplo mais claro de um retorno abrupto ao começo da igreja seja encontrado no capítulo 12. Em 11.18, lemos que chegou "o tempo de julgares os mortos". Fomos levados ao final

108

da era no encerramento do capítulo 11. Com o capítulo 12, porém, voltamos ao começo do período do NT, com uma visão figurativa do nascimento de Cristo e de sua ascensão ao trono de Deus. Se isso pode acontecer nos capítulos 11 e 12, não podemos excluir a possibilidade de que, nos capítulos 19 e 20, também somos levados em visão à segunda vinda de Cristo, e a seguir trazidos de volta à primeira vinda. Não devemos simplesmente supor que o capítulo 20 tenha de descrever eventos que acontecem depois dos acontecimentos descritos no capítulo 19.

3) Há duas visões em Apocalipse 20.1-10 unidas pela frase "mil anos". Assim, podemos concluir que as duas são contemporâneas. Não obstante, elas são visões separadas. Os versículos 1-3 e 7-10 caminham juntos. Eles falam sobre Satanás: Satanás amarrado e Satanás liberto. Os versículos de 4 a 6 são um pouco parentéticos e nos dão uma visão distinta de almas, de tronos e de reinado. Entendemos que uma das visões se refere a certos eventos terrenos, e que a outra visão trata de uma porta aberta numa situação celestial.

4) Como devemos interpretar o símbolo de Satanás sendo "amarrado"? O capítulo 12 já falou de certa restrição ao dragão, Satanás, depois da ascensão de Cristo. Satanás não pode realizar seu propósito. Ele quis destruir a mulher e sua descendência, mas não conseguiu fazer isso. Ele é contido por Deus. Será que o capítulo 20 tem em vista outra fase de Satanás em que ele será reprimido, alguma coisa independente daquilo que foi descrito no capítulo 12? Ou será esse exemplo uma espécie de redeclaração em termos um pouco diferentes e de símbolos diversos que são característicos de Apocalipse? Talvez 20.1-3 esteja falando de outro aspecto da restrição colocada sobre Satanás, como consequência da obra redentiva de Cristo e de sua glorificação triunfante.

Devemos lembrar-nos do ensino escatológico do NT como um todo, que é apresentado em termos não de um, mas de dois grandes pontos culminantes: a primeira vinda de Cristo e a segunda vinda de Cristo. Com a segunda vinda de Cristo haverá plena e completa consumação. Mas já na primeira vinda de Cristo temos o que poderíamos chamar de consumação antecipatória. Temos a batalha decisiva e a grande vitória conquistada. Em sentido real, o reino de Deus já veio e Cristo já lidou de forma decisiva com Satanás.

109

É importante recordar como a obra de Cristo em sua primeira vinda é descrita no NT, em relação a Satanás. Em Mateus 12.28,29, nosso Senhor diz:

Mas se e pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus.

Ou, como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali seus bens, sem antes amarrá-lo? Então podera roubar a casa dele.

Esse é um grande evento escatológico: O reino de Deus chegou! Para explicar esse evento, nosso Senhor nos conta uma breve parábola. Como alguém vai lançar mão das posses de um homem forte, posses que ele obteve, sem dúvida, por meios ilegais? O modo de fazer isso é primeiro amarrá-lo (o verbo grego traduzido aqui por "amarrar" pela NVI e o mesmo usado em Ap 20.2); e então lhe surrupiar os bens. Jesus pro-poe essa parábola para descrever claramente a missão que veio cumprir.

Em Joao 12.31, quando nosso Senhor fala do significado de sua morte vindoura, diz: "Chegou a hora de ser julgado o príncipe deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo". O dia do juízo chegou e o príncipe deste mundo (Satanas) será expulso (o verbo grego empregado aqui é o mesmo de Apocalipse 20.3, "lançar", com acréscimo do prefixo "fora"). "Agora", Jesus diz, por meio de sua obra expiatoria, isso aconteceu (leia todo o contexto de Jo 12.20-33).

Em Colossenses 2.15, o apóstolo Paulo descreve de forma vívida a vitória de Cristo na cruz sobre os poderes demoníacos: "fê, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz". Cristo desarmou as hostes satânicas. Que grande vitória!

Hebreus

2.14,15 fala de Cristo assumindo nossa humanidade "portanto, visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte". Essa linguagem é incrivelmente poderosa, podemos pensar . o dia-bo destruído! (O verbo grego é o mesmo que Paulo utiliza em I Coríntios 15.26 com referência a Cristo destruindo a morte, o último inimigo, na ressurreição.) Não é o NT que nos diz que "o diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo

10

e procurando a quem possa devorar" (I Pe 5.8)? Sim, ele o faz; e o que Pedro está dizendo é verdade. Mas note o tipo de linguagem que o escritor de Hebreus usa para descrever a vitória de Cristo sobre Satanás na cruz, porquanto ele vê essa vitória como eternamente significativa.

Em I Joao 3.8, lemos que "para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do diabo". No contexto, Joao está dizendo que se você estiver fazendo as obras do diabo, então mostra estar do lado de um inimigo derrotado. Cristo é o vencedor. Se você é verdadeiramente de Cristo, não se ocupa das obras do diabo.

Em outras palavras, o NT enfatiza dois pontos culminantes na vitória de Cristo sobre Satanás: a vitória na cruz e a vitória em sua segunda vinda. Devemos perguntar então: Essa dupla estrutura culminante é preservada em Apocalipse 20.1-10? Ou será que temos aqui uma nova característica que requeira uma revisão significativa da perspectiva básica do NT? Estamos nos agora prestes a adotar uma perspectiva que vê três focos culminantes: 1) vitória na cruz e na ressurreição; 2) vitória na segunda vinda de Cristo e na inauguração de seu reinado milenar e 3) vitória final ao término do milênio?

Ao examinarmos a passagem, descobrimos boa razão para sugerir que Apocalipse 20 não apresenta tal modificação da consistente perspectiva neotestamentária. Antes, Apocalipse 20.1-10 é uma representação figurada da vitória de Cristo sobre Satanás em cada um dos dois pontos culminantes.

Na cruz, Satanás é aprisionado . mas não absolutamente. Apocalipse 20.2,3 não diz que Satanás está preso, e ponto final. Ele está cativo em um só aspecto, isto é, "impedido de enganar as nações [os gentios]". A era da salvação para os gentios chegou. Antes do ministério de Cristo, Israel era a única nação chamada dentre todas as nações do mundo para conhecer as bênçãos de Deus e servi-lo. Havia exceções, naturalmente . aqueles que vieram a conhecer a graça de Deus, embora não fossem filhos de Abraão segundo a carne. Mas, essencialmente, todas as nações da terra estavam na escuridão, sob o engano de Satanás. Entretanto, louvado seja Deus! Cristo veio e realizou sua obra redentora. No dia de Pentecostes, o Espírito Santo foi derramado sobre "todos os povos" (At 2.17), o que significa que o evangelho de Cristo e para todas as nações, e não apenas para o povo judeu. A era das missões mundiais havia começado, e a obra enganadora de Satanás, operada em grande escala por muitos séculos, chegara ao fim. O próprio Senhor ressurreto deu a seus apóstolos esta comissão (At 26.17,18):

Eu o livrarei do seu próprio povo e dos gentios, aos quais eu o envio para abrir-lhes os olhos e convertê-los das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus, a fim de que recebam o perdão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim.



Antes de deixar a referencia ao aprisionamento de Satanás em Apocalipse 20, ha um texto adicional digno de nota. Muitos cristãos acreditam sinceramente que dizer que Cristo aprisionou Satanás na cruz e incompatível com a presente atividade real de Satanás. Mas, considere o quadro apresentado em Ju-das 6 (v. 2Pe 2.4):

fE

quant

o aos anjos que não conservaram suas posicoes de autoridade, mas abandonaram sua propria morada, eles os tem guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juizado grande Dia.

O que significa isso? Será que significa que toda a lingua-gem de Paulo sobre a nossa luta contra os poderes demoniacos das trevas (Ef 6.11,12) e uma retorica muito adornada? Afinal de contas, os demonios estão em correntes. Não ha luta real alguma para o cristão nesta vida, certo? Errado! A declaração de Judas não significa nada disso. Não significa que esses anjos decaidos não estejam ativos. Significa que eles estão operantes dentro dos limites da permissao divina, e que seu fim esta tracado.

Entao, poderiamos muito bem perguntar: Se Judas, por inspiração do Espirito, pode descrever todos esses demoniacos seres como estando agora em correntes eternas, por que deveriamos interpretar que a prisao de Satanás como uma referencia ao que e verdadeiro agora seja de alguma maneira incompatível com a atividade satanica atual? Essa e a lingua-gem biblica, que não e mais contraditoria em relação a atividade presente de Satanás do que Judas 6 e contraditorio em relação a atividade presente de toda a hoste de anjos caidos.

5) Em Apocalipse 20.8, temos uma referencia a "batalha". O texto grego tem o artigo definido ("o"), e e importante não deixar esse fato passar despercebido, porque lemos sobre "a batalha" em outros pontos do livro do Apocalipse. Em 16.14, por exemplo, lemos: "Sao espiritos de demonios que realizam sinais miraculosos; eles vao aos reis de todo o mundo, a fim de

112

reuni-los para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso". fE em 19.19: "Entao vi a besta, os reis da Terra e os seus exercitos reunidos para guerrearem [no texto grego o nome com o artigo definido aparece aqui; literalmente, 'a batalha' contra aquele que esta montado no cavalo e contra o seu exercito"].

Em 16.14, os reis sao convocados para a batalha. Em 19.19, a besta e os reis da terra vem para a batalha. Em 20.8, Satanás conduz sua hoste para a batalha. Parece claro que esses tres textos não descrevem tres batalhas, mas uma. O novo ponto revelado em 20.8 (porque o Apocalipse nunca se repete por mera repetição como algo novo e revelado a cada vez) e o que acontece a Satanás em resultado dessa batalha. O capitulo 19 registra o que sucedera com a besta e o falso profeta, como resultado de sua derrota nessa batalha. Aqui, em 20.10, aprendemos o que ocorrera com Satanás. Os versiculos interpostos entre 19.19 e 20.10 nos levam de volta a primeira vinda de Cristo, e a prisao de Satanás como resultado de sua obra redentora.

6) Chegamos agora a cena parentetica dos versiculos 4-6, acerca do reinado dos santos, em que o veu de separação entre céu e terra e afastado e nos e permitido dar uma rapida olhada nos santos de Deus reinando com Cristo. Observe que não ha referencia alguma nesses versiculos, direta ou indiretamente, a coisas ou negocios terrestres. De fato, em termos de vocabulario, essa visao e muito semelhante as outras visoes celestiais no Apocalipse.

Permitam-me explicar. Em 20.4, ha uma referencia as "almas" (psychai). Essa palavra pode ser usada no NT para referir-se simplesmente a "pessoas". No texto grego de Atos 2.41, por exemplo, lemos que tres mil psychai foram salvas no dia de Pentecostes. Nessa declaração, não ha enfase alguma no aspecto de "alma" como oposta a "corpo" do ser humano. Mas no contexto de Apocalipse 20.4, em que Joao ve "as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus", parece que esse texto pretende apontar para um contraste entre alma e corpo.

Ha ai também uma referencia a tronos. Em todo o Apocalipse, o trono de Cristo e seu povo sempre estão no céu.42 Em 3.21, e feita uma promessa especifica: "Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono, assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono". Apocalipse 20.4 retrata o cumprimento dessa promessa bendita.

113

Os versículos 4-6 formam a visão do reinado dos cristãos com seu Salvador, após eles partirem desta vida e enquanto esperam a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e a felicidade eterna. Os santos são descritos como mártires por seu Senhor. Talvez esse retrato represente todo o povo de Deus. Nas visões do Apocalipse "todos são santos ideais ou pecadores ideais".<sup>43</sup> Note que no versículo 5, os mártires são contrastados com "o restante dos mortos" . aqueles que conhecerão "a segunda morte". Em outras palavras, eles são contrastados com "todos os descrentes".

No versículo 5, lemos que "o restante dos mortos não voltará a viver até se completarem os mil anos". A observação que João faz não é que eles então viverão. Antes, ele enfatiza que os descrentes não usufruirão a maravilhosa bênção de viver e reinar com Cristo durante os mil anos. Lembre-se do que dissemos antes, quando consideramos Romanos 11.25, sobre a força escatológica conclusiva do termo "até". Recorde-se também do que falamos ao considerar I Coríntios 15.22, sobre o rico significado salvífico da vida em Cristo, vida que é realmente vida. Como nosso Senhor nos disse em João 5.29, apenas "os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida [...] e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados" (grifo do autor).

E mencionado, em Apocalipse 20.6 e 14, que a única coisa que espera esses mortos após os mil anos é "a segunda morte". Não é que João negue que eles serão ressuscitados corporal-mente para enfrentar o juízo (v. 13). Mas ele nunca descreve os descrentes como "vivos" ou "ressurretos". Seus nomes simplesmente não estão escritos "no livro da vida" (v. 15, grifo do autor). Muito embora possam estar diante do grande trono branco em juízo, eles são descritos como "mortos" (v. 12).

Em outras palavras, o quadro de João não retrata que os crentes vivem na segunda vinda de Cristo e os descrentes vivem no final do milênio. Os incredulos verdadeiramente nunca vivem. Os crentes vivem e reinam com Cristo por mil anos. O restante dos mortos, diz João, não desfrutam essa maravilhosa bênção. Eles não vivem durante esses mil anos. O que eles experimentarão em vez disso? A segunda morte.

Nos versículos 5 e 6, João fala da "primeira ressurreição". Essa frase implica claramente uma segunda ressurreição. Mas isso significa que, afinal, o pre-milenarismo está correto, que

114

haverá duas ressurreições, a dos crentes na segunda vinda de Cristo e a dos mortos mil anos após? Não! A referência a primeira ressurreição implica uma segunda . uma segunda ressurreição para as mesmas pessoas! De forma semelhante, "a segunda morte" (v. 6) implica a primeira morte . mas também para as mesmas pessoas, os descrentes.

Poderíamos dizer que o crente em Cristo experimentará uma morte e duas ressurreições. A primeira ressurreição ocorre quando ele parte desta vida e é imediatamente conduzido à presença de Cristo para reinar com ele. A segunda ressurreição será corpórea na segunda vinda de Cristo, quando os crentes são aprontados para o estado eterno (I Co 15.50). Os incredulos, por contraste, experimentarão apenas uma ressurreição . e a ressurreição da condenação ., mas eles sofrerão duas mortes. A primeira morte é psicofísica, na terra. A segunda morte será eterna, em seguida ao julgamento.

O apóstolo João, porém, não fala que o crente conheceu a morte! . ou que o incredulo passara pela ressurreição. Como Meredith G. Kline observa:

Da mesma maneira que a ressurreição do injusto e paradoxalmente identificada como "a segunda morte", assim a morte do cristão é paradoxalmente identificada como "a primeira ressurreição [...]" O que para os outros é a primeira morte, para o cristão é a verdadeira ressurreição.<sup>44</sup>

7) Apocalipse 20, então, apresenta um panorama da era evangélica, os propósitos de Deus na terra e a bênção de seu povo no céu, seguidos de uma vívida narrativa do juízo final e da consumação. Mas qual é o significado do número "mil"? Podemos supor que o número é simbólico, pois os números são usados simbolicamente em todo o Apocalipse. Mas qual é o significado desse símbolo? É impossível ser dogmático sobre tal assunto, mas a sugestão de Geerhardus Vos é certamente interessante:

O simbolismo dos mil anos consiste no seguinte: contrasta o estado glorioso dos mártires com o breve tempo de tribulação passado na Terra, por um lado, e com a vida eterna da consumação por outro.<sup>45</sup>

A visão de João é determinada pelo Espírito para a edificação e o fortalecimento do povo de Deus de todas as épocas. Por isso os cristãos são encorajados a combaterem o bom combate

IIS

(2 Tm 4.7), tendo toda garantia de que em Cristo eles vencerão o maligno para reinar com seu Salvador.

O povo de Deus de todos os tempos foi salvo "em esperan-ça" (Rm 8.24). A esperança dos santos da antiga aliança foi orientada para a vinda do prometido Redentor divino. As riquezas do Messias e de sua obra redentiva lhes foram retrata-das, de forma expressiva, em termos dos elementos centrais de sua experiência religiosa: a terra de Canaa, a cidade de Je-rusalem, o trono de Davi, o templo e a própria nação de Israel.

Porque ele é Deus encarnado, verdadeiramente Deus e ver-dadeiramente homem, em Jesus, as duas principais linhas da expectativa messiânica do Antigo Testamento convergem: 1) a promessa de que o próprio Deus viria e se revelaria como Se-nhor (por exemplo, a profecia de Isaías 40.3, sobre uma voz ci-amando no deserto para preparar "o caminho para o SENHOR", foi cumprida no ministério de João Batista preparando o caminho para Jesus [Mt 3.1-3]); e 2) a promessa de que o Senhor enviaria seu Servo ungido. Em Jesus convergem as duas linhas da ex-pectativa escatológica. Ele que é "Cristo do Senhor" (Lucas 2.26), e também, ao mesmo tempo, "Cristo, o Senhor" (Lucas 2.11).

Como aqueles sobre quem "tem chegado o fim dos tem-pos" (1Co 10.11), nós cristãos temos o inestimável privilégio de conhecer o cumprimento da esperança do AT. Por causa da obra concluída do crucificado e ressurreto Senhor Jesus Cris-to e do ministério do Espírito Santo que ele derramou sobre a igreja no Pentecostes, experimentamos todas as maravilho-sas bênçãos da vida em uniao com Cristo.

Mas nós continuamos caminhando pela fé e vivendo em esperança. O dia da consumação ainda jaz adiante. A perfei-ção da bênção para o povo de Deus vira somente quando o pro-prio Cristo aparecer pela "segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam" (Hb 9.28). Aquela "manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo" (Tt 2.13) dará início ao grand finale da história redentiva: a res-surreição dos crentes, a ressurreição dos descrentes, o julga-mento de todos, os novos céus e a nova terra e a inauguração do reino final de Deus, o bendito estado eterno dos redimidos. Essa é "a bem-aventurada esperança" da igreja, e por essa esperança somos sustentados para servir ao nosso Deus em amor e ale-gria, através de toda tribulação, até que toda a nossa esperança seja cumprida no retorno de nosso Salvador.

Começemos com o amilenismo. O termo amilenismo não é muito feliz. Ele sugere que os amilenistas ou não creem em nenhum milênio ou, simplesmente, ignoram os primeiros seis versos de Apocalipse 20, que falam de um reinado milenar. Nenhuma destas duas declarações é correta. Embora seja verdadeiro que os amilenistas não creem em um reinado terreno literal de mil anos, que se seguiria à volta de Cristo, o termo amilenismo não é a melhor definição a ser usada. Os "amilenistas" creem que o milênio de Apocalipse 20 não é exclusivamente futuro, mas está agora em processo de realização.

Os amilenistas interpretam o milênio mencionado em Apocalipse 20.4-6 como descrevendo o reinado presente das almas dos crentes mortos e com Cristo no céu. Eles entendem o aprisionamento de Satanás, mencionado nos primeiros três versos deste capítulo, como estando efetivado durante todo o período entre a primeira e a Segunda Vinda de Cristo, embora findando pouco antes da volta de Cristo. Eles ensinam que Cristo voltará após este reinado milenar celestial.

Os amilenistas também sustentam que o Reino de Deus está presente agora no mundo, pois o Cristo vitorioso está governando seu povo através de sua Palavra e seu Espírito, embora eles também aguardem um Reino futuro, glorioso e perfeito na nova terra na vida por vir. Apesar do fato de Cristo ter conquistado a vitória decisiva sobre o pecado e o mal, o Reino do mal continuará a existir lado a lado com o Reino de Deus até o fim do mundo. Embora já estejamos desfrutando de várias bênçãos escatológicas, no tempo presente (Escatologia inaugurada), nós aguardamos uma série culminante de eventos futuros associados com a Segunda Vinda de Cristo, que instaurará o estado final (Escatologia futura). Os assim chamados "sinais dos tempos" têm estado presentes no mundo desde o tempo da primeira vinda de Cristo, mas eles atingirão uma manifestação mais intensa e final imediatamente antes de sua Segunda Vinda. O amilenista, portanto, espera que, antes da volta de Cristo, sejam completadas a pregação do Evangelho a todas as nações e a conversão da plenitude de Israel. Ele igualmente aguarda uma forma intensificada de tribulação e da apostasia, bem como a manifestação de um anticristo pessoal, antes da Segunda Vinda.

O amilenista compreende a Segunda Vinda de Cristo como um evento único, não um evento que envolva duas partes. Na hora da volta de Cristo haverá uma ressurreição geral, tanto de crentes como de incrédulos. Após a ressurreição, os crentes que ainda estiverem vivos serão transformados e glorificados.

Estes dois grupos, crentes ressurrectos e crentes transformados, são então elevados para as nuvens para encontrar com o Senhor nos ares. Após este “arrebatamento” de todos os crentes, Cristo completará sua descida à terra e conduzirá o juízo final. Após o juízo, os incrédulos serão entregues à punição eterna, ao passo que os crentes desfrutarão para sempre das bênçãos dos novos céus e da nova terra<sup>6</sup>.

Uma segunda posição importante sobre o milênio é a do pós-milenismo<sup>7</sup>. Podemos observar primeiramente que os pós-milenistas concordam com os amilenistas em três pontos: (1) os pós-milenistas não entendem o milênio como envolvendo um reinado invisível de Cristo a partir de um trono terreno; (2) ele não consideram o milênio como tendo exatamente uma duração de mil anos; (3) eles situam a volta de Cristo após o milênio.

No entanto, as diferenças entre pós-milenismo e amilenismo ficarão mais claras ao procedermos a descrição da posição pós-milenista. Começamos com a citação de um dos expoentes contemporâneos mais famosos do pós-milenismo, Loraine Boettner:

“Temos definido pós-milenismo como aquela posição, acerca das últimas coisas, que sustenta que o Reino de Deus está agora sendo estendido no mundo através da pregação do Evangelho e da obra salvadora do Espírito Santo nos corações dos indivíduos; que o mundo, por fim, deve ser cristianizado e que a volta de Cristo deve acontecer no final de um longo período de justiça e paz geralmente denominado “Milênio”. Dever-se-ia acrescentar que, de acordo com os princípios do pós-milenismo, a Segunda Vinda de Cristo será imediatamente seguida pela ressurreição geral, o juízo geral e a introdução do céu e inferno em sua plenitude”<sup>8</sup>.

Conforme o pós-milenismo, a era atual será gradualmente absorvida na era milenária na medida em que uma proporção cada vez maior dos habitantes do mundo for sendo convertida ao Cristianismo através da pregação do Evangelho. Este número crescente de cristãos incluirá tanto judeus como gentios. Os pós-milenistas geralmente entendem Romanos 11.25,26 como ensinando uma futura conversão, em larga escala, do povo judeu, embora eles não considerem isto como envolvendo restauração de um reinado judaico político.

Enquanto o milênio se torna uma realidade, os princípios cristão de fé e conduta serão os padrões aceitos por nações e indivíduos. O pecado não será eliminado, mas reduzido a mínimo. A vida social, econômica, política e cultural da humanidade será amplamente desenvolvida. Haverá condições gerais de prosperidade em todo o mundo, as riquezas serão mais amplamente divididas e o deserto florescerá como a rosa. Nações que eram inimigas, trabalharão juntas harmoniosamente. Esta era dourada da prosperidade espiritual se estenderá por um longo período de tempo, talvez bem mais do que mil anos literalmente falando. Nas próprias palavras de Boettner: “Isto não significa que haverá um período, nesta terra, em que cada pessoa será um cristão, ou que todo o pecado seja abolido. Mas isto significa sim que o mal, em todas as suas variadas formas, finalmente será reduzido a proporções mínimas, de modo que os princípios cristãos serão a regra e não a exceção, e que Cristo retornará a um mundo verdadeiramente cristianizado”<sup>9</sup>.

Tanto Loraine Boettner como J. Marcellus Kik (outro pós-milenista) concordam em que a grande tribulação de Mateus 24 e a apostasia de 2 Tessalonicenses 2 já são passadas. Porém, baseado em Apocalipse 20.7-10, que descreve a soltura de Satanás no final do milênio, Boettner aguarda por uma “manifestação limitada do mal” antes da volta de Cristo. Mas, ele segue dizendo, que esta soltura de Satanás e o ataque contra a igreja, que ele então lançará, serão de curta duração e não prejudicarão a igreja<sup>10</sup>. Para o pós-milenista, o fato de haver um ressurgimento final do mal imediatamente antes da volta de Cristo, de modo algum nega sua expectativa por uma futura era dourada milenar.

O único lugar em que a Bíblia menciona um milênio é Apocalipse 20.1-6. Os primeiros três versos desta passagem descrevem o aprisionamento de Satanás durante mil anos, enquanto os últimos três versos indicam que certos indivíduos viverão e reinarão com Cristo por mil anos. Será interessante observar agora como vários pós-milenistas interpretam esses versos. Benjamim B. Warfield, geralmente alistado entre os pós-milenistas, afirma que Apocalipse 20.1-6 descreve o aprisionamento de Satanás durante a era atual da Igreja, e o Reino das almas dos crentes mortos com Cristo nos céus durante a presente era<sup>11</sup>. Em sua obra mais recente sobre o assunto, Loraine Boettner concorda com a interpretação de Warfield sobre esta passagem<sup>12</sup>. Portanto, estes dois pós-milenistas adotaram a

interpretação amilenista comum acerca dos seis primeiros versos de Apocalipse 20. J. Marcellus Kik, entretanto, mesmo concordando que o aprisionamento de Satanás esteja acontecendo no tempo presente, afirma que a expressão - "e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos" - se refere aos crentes que vivem agora sobre a terra. De acordo com Kik, a "primeira ressurreição" (v.6) significa a regeneração destes crentes enquanto eles estão vivendo na terra, e os tronos do verso 4 são interpretados como um modo figurativo de descrever o reinado do povo de Cristo com ele agora sobre a terra<sup>13</sup>. Normm Shepherd, também um pós-milenista, sustenta, que o aprisionamento de Satanás ainda é futuro. No entanto, ele concorda com Kik ao interpretar a "primeira ressurreição" como se referindo à regeneração. Ele também interpreta o "viver e reinar com Cristo" como descrevendo a vida presente dos crentes sobre a terra<sup>14</sup>.

Qual é a prova escriturística que os pós-milenistas fornecem para sua posição? Boetter cita a Grande Comissão de Mateus 28.18-20, na qual Cristo ordena a seu povo para fazerem discípulos de todas as nações. Esta comissão, prossegue ele, não é meramente um aviso de que o Evangelho será pregado mas implica numa promessa de que a evangelização efetiva de todas as nações será completada antes que Cristo retorne<sup>15</sup>. Boettner igualmente menciona Mateus 16.18, onde se registram as palavras de Jesus, dizendo que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja. ele interpreta este verso como indicando que a Igreja tomará a ofensiva com o Evangelho, "de modo que ela avançará por todo o mundo e nada literalmente nada, será capaz de resistir sua marcha progressiva"<sup>16</sup>. Normam Shepherd cita passagens dos Salmos e dos Profetas que mencionam o reinado universal e triunfante do Messias (e.g., Nm 14.21; Sl 2.8; 22.27-29; 72; Is 2.2-4; 11.6-9; 65; 66; Jr 31.31-34; Zc 9.9ss; 13.1; 14.9). Então ele diz: "Uma vez que elas [estas passagens] não podem referir-se a um reinado pós-advento de Cristo, e porque nada do que tem acontecido na história faz jus à glória da visão profética, a era dourada tem de ainda ser futura, mas anterior à volta do Messias" <sup>17</sup>. Shepherd prossegue, mencionando a parábola do fermento, em Mateus 13.33, como indicando uma extensão universal do Reino. Ele deduz de Romanos 11 o aspecto da conversão extensiva tanto de judeus como de gentios. "Tudo isto", continua ele, "está de acordo com o fato de que o objeto da redenção de Cristo é o mundo (João 3.16,17; Cp. Apocalipse 11.15) <sup>18</sup>.

A título de crítica, podemos levantar as seguintes objeções contra a posição pós-milenista:

(1) As profecias do Antigo Testamento, interpretadas pelos pós-milenistas como se referindo a uma futura era dourada milenar, retratam o estado final da comunidade redimida. O professor Shepherd afirma que passagens deste tipo não podem referir-se a um reinado pós-advento de Cristo. Eu pergunto: Por que não? Se tivermos em mente o importante fato de que no estado final haverá tanto um novo céu como uma nova terra<sup>19</sup>, estas profecias podem ser prontamente entendidas como apontando, em seu sentido último, para as glórias nessa nova terra.

Passemos a examinar algumas das passagens apontadas pelo Professor Shepherd. Salmos 2.8 diz: "Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por possessão". Se esta passagem for considerada como se referindo ao Messias, o que sem dúvida ela faz, por que não podemos considerá-la como descrevendo o Reino de Cristo na nova terra, quando "o reino do mundo se tornou o Reino de nosso Senhor e seu Cristo?" (Ap 11.15). Isaías 2.4 diz: "...estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra". Por que não podemos interpretar esta passagem como igualmente se referindo à nova terra, na qual as folhas da árvore da vida servirão para a cura das nações? (Ap 22.2). Há duas passagens proféticas que descrevem claramente que a totalidade do conhecimento do Senhor caracterizará a existência na nova terra: Isaías 11.9 ("por que a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar") e Jeremias 31.34 ("todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o Senhor"). Isaías 65.17-25 também tem de ser entendido como descrevendo o estado final dos redimidos; observe especialmente as palavras do verso 17: "Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas".

(2) A interpretação pós-milenista comum da grande tribulação de Mateus 24 e da apostasia de 2 Tessalonicenses 2 é injustificada. Como já vimos, o Sermão Profético de Mateus 24 lida tanto com eventos relativos à destruição de Jerusalém como com eventos concernentes ao fim do mundo. Embora Jesus efetivamente indique, em seu sermão, que a tribulação deve ser esperada por seu povo para todo o período entre sua primeira e segunda vindas, ele também fala de uma grande tribulação tal qual nunca

houve desde o princípio do mundo e jamais haverá (v.2). Os versos 29 e 30 deste capítulo são de uma importância especial: “Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá... então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem... e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e muita glória”.

No que toca à apostasia de 2 Tessalonicenses 2, Paulo afirma explicitamente: “porque aquele dia [o dia do Senhor, ou a Parousia] não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia...” (v.3). Portanto, não há justificativa, nas Escrituras, para se dizer que estes dois eventos, a grande tribulação e a apostasia descrita em 2 Tessalonicenses 2, devem ser relegados apenas ao passado.

(3) Apocalipse 20.1-6 não dá apoio à posição pós milenista. Conforme será demonstrado mais adiante, esta passagem descreve o reinado das almas dos crentes que estão com Cristo no céu durante a presente era, e não retrata uma futura era dourada. Passemos agora a examinar três interpretações desta passagem que são sustentadas por pós-milenistas representativos.

Tanto Warfiel como Boethr aceitam a interpretação amilenista comum destes versos, concordando em que eles descrevem o aprisionamento de Satanás durante a era presente e o reinado das almas dos crentes já mortos que estão com Cristo no céu, também durante a era presente. Entretanto, que base pode ser encontrada nesta passagem, conforme esta interpretação, para crer em uma futura era dourada? Deve ser lembrado que o único lugar onde a Bíblia menciona um milênio é Apocalipse 20; se estes versos não dão evidência para a expectativa de uma futura era dourada milenar, que prova consistente temos nós de que haverá uma tal era?

J. Marcellus Kik concorda que o aprisionamento de Satanás esteja acontecendo agora, mas interpreta o verso 4 como descrevendo os crentes vivos que estão reinando sobre a terra já agora com Cristo. Existem duas dificuldades com a interpretação de Kik acerca do verso 4. A primeira: interpretar “as almas que reinam com Cristo”, como se referindo a crentes que ainda estejam vivos sobre a terra, entra em conflito com a declaração anterior: “Vi ainda as almas dos decapitados”(v.4), e também como uma declaração ulterior: “Os restantes dos mortos não reviveram...” (v.5). A segunda: como se pode falar de crentes vivos reinando com Cristo por mil anos, quando cada pessoa não vive mais do que o período normal de vida de “setenta anos” - se chegar a isso? Além disso, mesmo baseados na interpretação que Kik faz da passagem, que fundamento há nestas palavras para esperarmos uma futura era dourada milenar?

O professor Shepherd afirma que o aprisionamento de Satanás ainda é futuro, ao passo que ele interpreta o reinado das almas com Cristo no mesmo modo de Kik o faz. As objeções mencionadas acima para a posição também se aplicam aqui. Há uma dificuldade adicional: conforme Shepherd, os mil anos durante os quais Satanás estará preso parecem ser um período diferente do que os mil anos durante os quais as almas reinam com Cristo. Mas, não parece muito mais provável que os “mil anos”, mencionados cinco vezes nestes seis versos, representam o mesmo período de tempo, especialmente porque a expressão “os mil anos” (ta chilia ete) ocorre duas vezes na passagem, uma no verso 3 e outra no verso 5? Mesmo se admitirmos, todavia, que a interpretação de Shepherd acerca dessa passagem possa estar correta, temos novamente de perguntar: que base haverá então, em Apocalipse 20.1-6, para a expectativa de uma futura era dourada milenar? 20.

(4) A expectativa pós-milenista de uma era dourada futura, anterior à volta de Cristo, não faz jus à tensão contínua na história do mundo entre o Reino de Deus e as forças do mal. Já mencionamos anteriormente que está havendo e continuará a haver uma tensão sempre presente na história<sup>21</sup>. Já em Gênesis 3.15, Deus anunciava a antítese que continuaria por toda a história: inimizade entre a semente da mulher e a semente da serpente. Esta antítese continua até ao fim da história - considerem-se as referências em Apocalipse à Batalha do Armagedom (cap. 16.13-16) e à Batalha de Gogue e Magogue (cap. 20.7-9). Na parábola do joio (ou erva daninha), encontrada em Mateus 13.36-43, Jesus ensina que o povo do maligno continuará a existir lado a lado com o povo redimido de Deus até a hora da ceifa. A implicação clara desta parábola é que o Reino de Satanás, se assim o podemos chamar, continuará a existir e a crescer enquanto o Reino de Deus crescer, até que Cristo venha de novo. O Novo Testamento dá indicações de contínua força desse “reino do mal” até o fim do mundo, ao falar acerca da grande tribulação, da apostasia final e da manifestação de um anticristo pessoal. Por causa disso, supor que antes da volta de Cristo o mal “será reduzido a proporções mínimas” <sup>22</sup> pareceria uma simplificação exagerada e romântica da história, que não é uma garantia pelos dados bíblicos. Sem dúvida, Cristo conquistou a vitória decisiva sobre o

pecado e Satanás, de modo que o resultado final da luta nunca é posto em dúvida. Mesmo assim, a antítese entre Cristo e seus inimigos continuará até o fim.

Prosseguiremos agora examinando uma terceira importante posição acerca do milênio, que o premilenismo histórico. Faz-se necessário uma discussão em separado do premilenismo histórico, como distinto do premilenismo dispensacionista, porque estas duas variedades de pensamento premilenista diferem em assuntos essenciais. Falando resumidamente, os premilenistas creem que a Segunda Vinda de Cristo será premilenista: isto é, anterior ao milênio. Por isso, os premilenistas aguardam um reinado de Cristo sobre a terra por um período de mil anos após sua volta, e antes da instauração do estado final. O que se segue é um esboço das características principais do premilenismo histórico<sup>23</sup>. Naturalmente, é necessário lembrar que os premilenistas históricos diferem entre si em vários detalhes específicos<sup>24</sup>.

De acordo com o premilenismo histórico, vários eventos têm de acontecer antes que Cristo retorne: a evangelização das nações, a grande tribulação, a grande apostasia ou rebelião e a manifestação do anticristo pessoal. A Igreja terá de atravessar esta tribulação final. A Segunda Vinda de Cristo não será um evento em duas etapas, mas uma ocorrência única. Quando Cristo voltar, os crentes que estiverem mortos serão ressuscitados, os crentes que estiverem ainda vivos serão transformados e glorificados, e então ambos os grupos serão juntamente elevados para encontrar com o Senhor nos ares<sup>25</sup>. Após este encontro nos ares, os crentes acompanharão o Cristo que desce à terra.

Após Cristo ter descido à terra, o anticristo é exterminado e seu Reino opressor chega ao fim. Ou neste momento ou antes disso, a grande maioria dos judeus que estiverem vivos se arrepende de seus pecados, crê em Cristo como seu Messias e é salva; esta conversão do povo judeu será uma fonte de bênçãos indizíveis para o mundo.

Agora Cristo estabelece seu Reino milenar - um Reino que durará aproximadamente mil anos. Jesus agora governa visivelmente sobre todo o mundo, e seu povo redimido reina juntamente com ele. Os redimidos incluem tanto judeus como gentios. Embora em sua maioria os judeus tenham-se convertido recentemente, após a conversão dos gentios, eles não formam um grupo separado, uma vez que há apenas um povo de Deus. Aqueles que reinam com Cristo, durante o milênio, incluem tanto crentes que acabam de ser ressuscitados da morte como crentes que ainda estavam vivos quando da volta de Cristo. As nações incrédulas, que ainda estiverem sobre a terra nessa época, são controladas e governadas por Cristo com vara de ferro.

Não se deve confundir o milênio com o estado final, porque o pecado e a morte ainda existem. Entretanto, o mal será amplamente restringido e a justiça prevalecerá na terra como nunca antes aconteceu. Este deve ser um tempo de justiça social, política e econômica, e de grande paz e prosperidade. Até a natureza refletirá as bênçãos desta era uma vez que a terra será extraordinariamente produtiva e o deserto florescerá como a rosa.

Perto do fim do milênio, porém, Satanás, que estava preso durante este período, será solto e sairá a enganar as nações mais uma vez. Ele congregará as nações rebeldes para a Batalha de Gogue e Magogue, e as levará para atacar o "acampamento dos santos". Mas descerá fogo do céu sobre as nações rebeldes e Satanás será lançado no "lago de fogo".

Após o fim do milênio, segue-se a ressurreição dos incrédulos que morreram. Agora acontece o julgamento perante o grande trono branco, no qual todos os homens, tanto crentes como incrédulos, serão julgados. Aqueles cujos nomes forem encontrados escritos no livro da vida ingressarão na vida eterna, enquanto aqueles cujos nomes não forem encontrados naquele livro serão lançados no lago de fogo. Depois disto, o estado final é instaurado: os incrédulos passam a eternidade no inferno, enquanto que o povo redimido de Deus vive para sempre na nova terra que foi purgada de todo mal.

Quais são as provas das Escrituras fornecidas pelos premilenistas históricos para o ensino de que haverá um reinado milenar terreno após a volta de Cristo? George Eldon Ladd admite que o único lugar onde a Bíblia menciona tal reino milenar terreno é Apocalipse 20.1-6<sup>26</sup>. Ele encontra uma descrição da Segunda Vinda de Cristo em Apocalipse 19, e interpreta Apocalipse 20 como descrevendo eventos que sucederão à Segunda Vinda. Os primeiros três versos de Apocalipse 20, afirma Ladd, descrevem o aprisionamento de Satanás durante o milênio posterior à volta de Cristo<sup>27</sup>. Apocalipse 20.4 retrata o reinado dos crentes ressuscitados com Cristo sobre a terra durante o milênio. Ladd insiste em que a palavra grega *ezasan* (eles viveram ou, vieram à vida), encontrada nos versos 4 e 5, tem de significar

ressuscitado da morte de um modo físico<sup>28</sup>. No verso 4, ele encontra uma descrição da ressurreição física dos crentes no início do milênio (mais tarde denominada “a primeira ressurreição”), e no verso 5 ele encontra uma descrição da ressurreição física dos incrédulos no final do milênio. Ladd credita no fato, de que o ensino acerca deste Reino milenar terreno seja encontrado apenas neste capítulo, ao que ele entende a respeito da revelação progressiva.

Ladd encontra mais apoio para seu ensino em 1 Coríntios 15.23-26, embora ele admita que esta passagem não fornece prova conclusiva para um milênio terreno<sup>29</sup>. Ele apela especialmente para os versos 23 e 24: “Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias, depois (epeita) os que são de Cristo, na sua vinda. E então (eita) virá o fim (telos), quando ele entregar o Reino ao Deus e Pai...” De acordo com Ladd, Paulo retrata aqui o triunfo do Reino de Cristo realizado em três etapas. A primeira etapa é a ressurreição de Cristo. A segunda etapa ocorre na Parousia, quando os crentes são ressuscitados. Então vem o fim, quando Cristo entrega o Reino a Deus Pai; esta é a terceira etapa. Uma vez que há um intervalo significativo entre a primeira e a segunda etapas, não parece improvável que haja também um intervalo significativo entre a segunda e a terceira etapas. Ladd afirma que as palavras então (eita) e fim (telos) deixam lugar para um intervalo indefinido de tempo entre a Segunda Vinda e o fim, quando Cristo completa a subjugação de seus inimigos<sup>30</sup>. Este intervalo seria o milênio.

A título de avaliação, podemos dizer primeiramente que existe muito na posição de Ladd que podemos apreciar. Entre estes pontos estão seu ensino de que (1) Deus não tem dois povos separados com destinos distintos (a saber, judeus e gentios, ou Israel e a Igreja) mas somente um povo; (2) o Reino de Deus é tanto presente como futuro; (3) a Igreja já está desfrutando bênçãos escatológicas no tempo presente; (4) os sinais dos tempos têm estado presente desde o tempo da primeira vinda de Cristo, mas assumirão uma forma intensificada antes de sua Segunda Vinda; (5) a Segunda Vinda de Cristo não é um acontecimento em duas etapas, mas um evento único.

Temos igualmente de apreciar a rejeição decidida que Ladd faz de vários ensinamentos dispensacionalistas; por essa razão, seu premilenismo, bem como dos premilenistas históricos em geral<sup>31</sup>, deve ser claramente distinguido do dispensacionalismo premilenista. Entretanto, permanecem certas dificuldades básicas com o ensino que é comum tanto ao premilenismo dispensacionalista como ao não dispensacionalista, de que haverá um reinado milenar terreno após a volta de Cristo. As seguintes objeções podem ser levantadas contra esta posição:

(1) Apocalipse 20 não fornece prova incontestável para um reinado milenar terreno que se seguirá à Segunda Vinda. Não há dúvida de que vários teólogos evangélicos efetivamente encontram uma prova para tal Reino nesta passagem. Contudo, conforme será demonstrado em um capítulo subsequente, este não é o único modo possível de se interpretar esses versos. A compreensão amilenista de Apocalipse 20.1-6, que descreve o reinado das almas dos crentes decapitados com Cristo nos céus, tem tido bom apoio na Igreja desde os dias de Agostinho<sup>32</sup>. Para uma descrição e defesa mais elaborada da interpretação amilenista desta passagem, veja o capítulo 16.

Entretanto, mais uma questão deveria ser levada em conta acerca da compreensão premilenista de Apocalipse 20.1-6. Geralmente, os premilenistas não dispensacionalistas sustentam que aqueles que reinam com Cristo, durante o milênio, são não apenas os crentes que foram ressuscitados da morte, mas também os crentes que ainda estavam vivos quando Cristo voltou. Deveria ser observado, porém, que mesmo na interpretação premilenista, esta passagem não diz coisa alguma acerca deste último grupo. Se a frase “viveram e reinaram com Cristo durante mil anos” for entendida com o sentido de “foram ressuscitados dos mortos e reinaram com Cristo”, não há nada dito aqui acerca de crentes que não morreram, mas ainda estavam vivos quando Cristo retornou. De acordo com a interpretação premilenista comum, portanto, esta passagem fala apenas acerca de um reinado com Cristo, durante o milênio da parte de crentes ressurrectos. Mas este seria um tipo diferente de reinado milenar terreno daquele que geralmente é ensinado pelos premilenistas<sup>33</sup>.

(2) 1 Coríntios 15.23,24 não fornece evidência clara para tal Reino milenar terreno. Deve ser dito em primeiro lugar que em nenhum dos escritos paulinos há base para a expectativa de um Reino milenar que preceda o estado final. Além disso, não há um ensino claro acerca de um reinado milenar terreno deste tipo nesta passagem. Em 1 Coríntios 15 Paulo estava tratando com cristãos que aparentemente criam efetivamente na ressurreição corporal de Cristo, mas não esperava mais uma ressurreição corporal



dos crentes. Argumentando contra esse erro, Paulo desenvolve, neste capítulo a ordem divina das coisas: Cristo, as primícias, que foi ressuscitado primeiro; depois disso, na Parousia, aqueles que são de Cristo serão ressuscitados dentre os mortos. Paulo aqui não está sugerindo que haverá uma ressurreição de incrédulos mil anos após a ressurreição dos crentes: ele não diz coisa alguma nesta passagem acerca da ressurreição de incrédulos. As palavras do verso 24: “E então virá o fim, quando ele entregar o Reino ao Deus e Pai”, não implicam necessariamente um longo intervalo de tempo após a ressurreição dos crentes, mas são apenas um modo de dizer que só então, após tudo isso ter acontecido, virá o fim ou a consumação da obra messiânica de Cristo<sup>34</sup>.

(3) O retorno do Cristo glorificado e dos crentes glorificados, para uma terra onde existam pecado e morte, violaria a finalidade de sua glorificação. Porque os crentes que tem estado desfrutando da glória celestial, durante o estado intermediário<sup>35</sup>, deveria ser ressuscitado dentre os mortos para voltar a uma terra onde o pecado e a morte ainda existem? Não seria isso um anti-climax? A existência de corpos ressurrectos e glorificados não reivindica uma vida em uma nova terra, da qual todos os remanescentes de pecado e maldição tenham sido banidos? Além disso que deveria o Cristo glorificado retornar para uma terra aonde existam ainda pecado e morte? Por que deveria ele, após sua volta em glória, ainda ter de governar sobre seus inimigos com vara de ferro, e ainda ter de esmagar uma rebelião contra ele no fim do milênio? A batalha de Cristo contra seus inimigos não foi completada já durante seu estado de humilhação? Não foi durante esse tempo que ele conquistou a vitória final e decisiva sobre o mal, pecado, morte e Satanás? Não é verdade que a Bíblia ensina que Cristo está voltando na plenitude da sua glória, para instaurar não um período interno de paz e bênção limitadas, mas sim o estado final de ilimitada perfeição?

(4) o reinado milenar terreno, ensinado pelos premilenistas, não concorda com o ensino escatológico do Novo Testamento, uma vez que não pertence nem a era presente nem a era porvir. Já vimos anteriormente<sup>36</sup> que o Novo Testamento destaca duas eras: a era presente, a era porvir. Não há indicação nenhuma nos Evangelhos, no livro de Atos, nem nas epístolas de que haverá também uma terceira era entre a era presente e a era porvir. O que os escritores do Novo Testamento é que, quando Jesus voltar, ele instaurará nova era. Assim, por exemplo, lemos em Mateus 25.31: “quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele [uma referência óbvia à volta de Cristo] então se assentará no trono da sua glória”. Fica evidente à partir do verso 46 que este não é um trono milenar terreno mas sim o trono do juízo que introduzirá a era final: “E irão estes [aqueles à esquerda do juiz] para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna”. Em Atos 3, ouvimos Pedro dizer em seu sermão no templo: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que seus pecados possam ser apagados, a fim de que da presença do Senhor venham tempos de refrigério; e que ele envie o Cristo que já vos foi designado, Jesus: a quem o céu deve receber até os tempos da restauração de todas as coisas de que Deus falou por boca de seus santos profetas desde a antiguidade”. (vs 19-21, ASV). Certamente as palavras - “os tempos da restauração de todas as coisas” - não se referem a um intervalo milenar intermediário, mas ao estado final. Paulo ensina que a Segunda Vinda de Cristo será imediatamente seguida pelo juízo final: “Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará a plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações” (1 Co 4.5). Em sua segunda epístola, Pedro afirma com inconfundível clareza que a Segunda Vinda será seguida no ato pela dissolução da velha terra e criação da nova terra:

“Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas. Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça”. (2 Pe 3.10-13).

O milênio dos premilenistas, portanto, é algo como uma anomalia teológica. Não é nem completamente como a era atual, nem completamente como a era porvir. Com certeza, é melhor do que a era presente, mas fica muito atrás de ser o estado final de perfeição. Para os santos ressurrectos e glorificados, o milênio é um adiamento agonizante do estado final de glória pelo qual eles aguardam tão ansiosamente. Para as nações rebeldes, o milênio é uma continuação da ambigüidade da era presente, na

qual permite ao mal existir enquanto atrasa seu julgamento final sobre ele. Uma vez que um reinado terreno milenar de Cristo não é ensinado em nenhum outro lugar das Escrituras, e uma vez que as características deste Reino milenar entram em conflito com o que as Escrituras ensinam, em outras passagens, acerca da Segunda Vinda e acerca da era porvir que a sucede, por que deveríamos afirmar que Apocalipse 20.1-6 ensina que haverá um Reino assim? Ao invés de insistirmos que Apocalipse 20 apresenta um ensino que não é encontrado em nenhum outro lugar da Bíblia, não seria mais sábio interpretar esses versos difíceis de um livro apocalíptico à luz e em harmonia com o que o restante das Escrituras claramente ensina?

Passamos agora a examinar a quarta importante posição acerca do milênio, o premilenismo dispensacionalista. Deveria ser dito, de início, que o premilenismo dispensacionalista tem uma origem comparativamente recente. Embora o premilenismo tenha sido ensinado por teólogos cristãos desde o segundo século 37, o sistema teológico conhecido como dispensacionalismo, ensinando, como de fato o faz, uma distinção absoluta entre Israel e a Igreja, como dois povos de Deus separados, não teve seu início se não na época de John Nelson Darby (1800-1882) 38.

O premilenismo dispensacionalista compartilha com o premilenismo histórico a convicção de que Cristo reinará sobre a terra durante mil anos após a sua volta. Entretanto, existem muitas diferenças profundas entre estas duas variedades de premilenismo.

Antes de observarmos as principais características do dispensacionalismo (ou premilenismo dispensacionalista) deveríamos primeiramente anotar dois princípios básicos, que são determinantes para o pensamento dispensacionalista:

(1) A interpretação literal de profecias. Herman Hoyt, um dispensacionalista contemporâneo, desenvolve estes princípios nas seguintes palavras:

“Este princípio claramente declarado é o de tomar as Escrituras em seu sentido literal e normal, entendendo que isso se aplica a toda Bíblia. Isto significa que o conteúdo histórico da Bíblia deve ser tomado literalmente; a matéria doutrinária deve ser igualmente interpretada desta forma; a informação moral e espiritual também segue este padrão; e o material profético deve ser igualmente entendido desse modo. Isto não significa que não haja linguagem figurada utilizada na Bíblia. Mas significa, isto sim, que onde esta linguagem for empregada, é preciso interpretá-la figuradamente, pois, de outro modo, será uma aplicação indevida do método literal. Qualquer outro método de interpretação furta parcialmente, se não completamente, o povo de Deus da mensagem que lhe estava destinada”

(3) A distinção fundamental e permanente entre Israel e a Igreja. Ilustram este ponto as seguintes citações de teólogos dispensacionalistas famosos:

“O dispensacionalismo crê que, através das eras, Deus está buscando dois propósitos distintos: um deles relacionado com a terra, com um povo terreno e objetivos terrenos envolvidos, que é o judaísmo; enquanto que o outro está relacionado com o céu, com um povo celestial e objetivos celestiais envolvidos, que é o Cristianismo... 40

É de importância capital, à interpretação premilenista das Escrituras, a distinção estabelecida no Novo Testamento entre o propósito atual de Deus para a Igreja e Seu propósito para a nação de Israel. Os indivíduos que nesta era presente são descendentes de Jacó têm o mesmo privilégio dos gentios para investir sua fé em Cristo e formar o corpo de Cristo que é a igreja. Entretanto, o Novo Testamento, assim como o antigo, deixa claro que a nação de Israel, como tal, tem suas promessas cumpridas em última instância no reinado futuro de Cristo sobre eles... A era presente, de acordo com a interpretação premilenista, é o cumprimento do plano e propósito de Deus, revelado no Novo Testamento, de chamar um povo dentre judeus e gentios igualmente, para formar um novo corpo de santos. É somente quando este propósito for completado que Deus poderá realizar as sentenças trágicas que precedem ao Reino milenar de Cristo, e inaugurar a justiça e a paz que caracterizam o Reino milenar” 41.

É difícil apresentar as características principais do premilenismo dispensacionalista, porque os dispensacionalistas diferem entre si de vários detalhes. O que se segue é uma tentativa de descrever os aspectos mais importantes da Escatologia dispensacionalista contemporânea, retratando particularmente o ponto de vista da New Scofield Bible (A Nova Bíblia de Scofield) de 1967/42.

Os dispensacionalistas dividem as ações de Deus para com a humanidade em várias “dispensações” diferentes. A New Scofield Bible distingue sete destas dispensações: Inocência, Consciência de Responsabilidade Moral, Governo Humano, Promessa, Lei, a igreja e o Reino. Uma dispensação é definida como “um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à sua obediência a algumas revelações específicas da vontade de Deus<sup>43</sup>. Embora em cada dispensação Deus revele sua vontade de um modo diferente, estas dispensações não são modos separados de salvação. “Durante cada uma delas [das dispensações] o homem é reconciliado com Deus de apenas uma forma, i.e., pela graça de Deus através da obra de Cristo que foi realizada na cruz e vindicada em sua ressurreição” <sup>44</sup>. A dispensação do Reino é o Reino milenar de Cristo, que acontecerá após a sua volta.

O Antigo Testamento contém várias promessas de que, em algum tempo no futuro, Deus estabelecerá um Reino terreno que envolva o povo de Israel, o povo de seu antigo pacto. Embora a aliança abraâmica incluía promessas à descendência espiritual de Abraão, sua promessa central era de que a terra de Canaã seria dada aos descendentes naturais de Abraão por uma possessão eterna. Na aliança davídica, a promessa outorgada era que um dos descendentes de Davi (a saber, o Messias vindouro) iria se assentar para sempre no trono de Davi, governando sobre o povo de Israel. A nova aliança predita em Jeremias 31.31-34, embora incluía certas características que já estão sendo cumpridas para os cristãos na presente Era da Igreja, é essencialmente uma aliança para Israel, que não será completamente cumprida até a época do milênio vindouro. Uma grande quantidade de passagens dos Salmos e profetas (e.g., Sl 72.1-20; Is 2.1-4; 11.1-9; 11-16; 65.18-25; Jr 23.5,6; Am 9.11-15; Mq 4.1-4; Zc 14.1-9, 16-21) prediz que o povo de Israel, em algum tempo futuro, será novamente congregado na terra de Canaã, desfrutará de uma época de prosperidade e bênção, terá um lugar especial de privilégio sobre outras nações e viverá sob o governo benevolente e perfeito de seu Messias, o descendente de Davi. Uma vez que nenhuma destas promessas foi cumprida até agora, os dispensacionalistas aguardam este cumprimento para o Reino milenar de Cristo.

Quando Cristo estava sobre a terra, ele ofereceu o Reino dos céus aos judeus de sua época. Este Reino deveria ser um governo terreno sobre Israel, em cumprimento às profecias do Antigo Testamento; além disso, a entrada do Reino requereria arrependimento dos pecados, fé em Jesus como o Messias e uma disposição para adotar o alto padrão de moralidade ensinado, por exemplo, no Sermão do Monte. Entretanto, os judeus daquela época rejeitaram o Reino. Por causa disso, o estabelecimento final deste Reino foi então adiado para a época do milênio. Neste ínterim, Cristo introduziu a “forma misteriosa” do Reino - uma forma descrita em parábolas tais como a do semeador e a do joio em Mateus 13. Um expoente desta posição, E. Schuyler English, argumenta da seguinte forma: “O Reino em mistério é a cristandade, aquela parte do mundo onde o nome de Cristo é confessado. É a Igreja visível, composta tanto de crentes como de incrédulos, que constitui o Reino dos céus em mistério. Ele continuará até o fim da era, quando Cristo retornará à terra para reinar como Rei” <sup>45</sup>.

Uma vez que o Reino, em sua forma “real” ou final, foi rejeitado pelos judeus, Cristo agora passou a estabelecer a Igreja. o propósito da igreja é de congregar crentes, primariamente gentios, mas também judeus, como o corpo de Cristo - uma convocação ou “chamada” que não será completada até que Cristo volte para o arrebatamento. Embora o Reino davídico tenha sido predito no Antigo Testamento, a Igreja não o foi. Por causa disso, a Igreja constitui uma espécie de “parêntesis” no plano de Deus, interrompendo o seu programa predito para Israel. “...A era presente [a Era da Igreja] é um parêntesis ou um período de tempo não predito pelo Antigo Testamento, e por causa disso não cumprindo nem levando o programa de eventos revelado na previsão do Antigo Testamento” <sup>46</sup>.

Conforme vimos acima<sup>47</sup>, a volta de Cristo acontecerá em duas etapas ou fases. A primeira fase será o assim chamado arrebatamento, que pode acontecer a qualquer momento. Aqui emerge uma diferença importante entre o premilenismo dispensacionalista pré-tribulacionista e o premilenismo histórico; enquanto que este último aguarda que certos sinais dos tempos sejam cumpridos, antes da volta de Cristo, aquele espera que estes sinais sejam cumpridos após ter ocorrida a primeira etapa da volta. Em outras palavras: os dispensacionalistas pré-tribulacionistas creem na assim chamada vinda iminente ou a qualquer momento de Cristo<sup>48</sup>. Na hora do arrebatamento, Cristo não vem realmente por todo o trajeto até a terra mas faz apenas parte do caminho. Então acontece a ressurreição de todos os verdadeiros crentes, excluindo os santos do Antigo Testamento. Após esta ressurreição, os crentes que ainda estiverem vivos - tanto crentes judeus como gentios crentes - serão instantaneamente transformados e glorificados.

Agora acontece o arrebatamento de todo o povo de Deus; os crentes ressuscitados e os crentes transformados são elevados às nuvens para encontrar nos ares o Senhor que está descendo. Este corpo de crentes, denominado Igreja, agora sobe ao céu com Cristo, para com ele celebrar durante sete anos as bodas do Cordeiro.

Este período de sete anos que se segue é um cumprimento da septuagésima semana da profecia de Daniel (Dn 9.24-27). Os dispensacionalistas afirmam que, embora a sexagésima nona semana desta profecia tenha sido cumprida quando da primeira vinda de Cristo, a profecia acerca da septuagésima semana (v.27) não será cumprida até o arrebatamento. Durante este período de sete anos, enquanto a Igreja permanece no céu, acontecerão vários eventos na terra: (1) a tribulação predita em Daniel 9.27 começa agora, sua última metade sendo a assim chamada grande tribulação; (2) o anticristo inicia agora seu reinado cruel - um reinado que culmina em sua exigência para ser adorado como Deus; (3) então caem terríveis julgamentos sobre os habitantes da terra; (4) nesta hora um remanescente de Israel converter-se-á a Jesus como o Messias - os 144.000 israelitas selados de Apocalipse 7.3-8; (5) então este remanescentes de Israel começará a pregar o "Evangelho do Reino" - um Evangelho que tem como conteúdo central o estabelecimento do Reino davídico vindouro, mas que inclui a mensagem da cruz e a necessidade de fé e arrependimento; (6) através do testemunho deste remanescente judaico, uma multidão inumerável de gentios será igualmente trazida à salvação (Ap 7.9); (7) então se reúnem os reis da terra e os exércitos da besta e do falso profeta para atacar conjuntamente o povo de Deus na Batalha do Armagedom.

No final deste período de sete anos, Cristo retornará em glória, acompanhado pela Igreja. desta vez ele descerá todo o trajeto até a terra e destruirá seus inimigos, pondo dessa forma fim à Batalha do Armagedom. Até esse momento a nação de Israel terá sido reagrupada na Palestina. Na volta de Cristo a grande maioria dos israelitas que estiverem vivos se converterá em fé a Cristo e será salva, em cumprimento a profecias do Antigo e do Novo Testamentos. Então será preso o diabo, lançado no abismo e ali selado por mil ano - o período de tempo é interpretado de modo estritamente literal. Os santos que morreram durante a tribulação dos sete anos, que acabou de findar, são agora ressuscitados dentre os mortos (Ap 20.4); também acontece neste momento a ressurreição dos santos do Antigo Testamento. Estes santos ressuscitados, porém, não entrarão no Reino milenar que está para ser estabelecido; eles se juntarão aos santos resurrectos e trasladados que constituem a Igreja arrebatada nos céus. Agora segue-se o julgamento dos gentios vivos, registrado em Mateus 25.31-46. Este julgamento é para indivíduos e não para nações. "O critério deste julgamento será como os indivíduos gentios trataram a seus irmãos cristãos - sejam irmãos segundo a carne (i.e., judeus) ou irmãos segundo o Espírito (i.e., pessoas salvas) - durante a "tribulação" 49. As ovelhas - aqueles que passaram no teste - serão deixadas na terra para ingressar no Reino milenar. Os cabritos - aqueles que não passaram no teste - serão lançados no fogo eterno. Então segue-se o julgamento de Israel, mencionado em Ezequiel 20.33-38. Os rebeldes dentre os israelitas serão mortos nessa hora e não lhes será permitido desfrutar das bênçãos do milênio. Aqueles israelitas que se voltaram para o Senhor, entretanto, ingressarão no Reino milenar e desfrutarão de suas bênçãos.

Agora Cristo inicia seu reinado milenar. Ele se assenta num trono em Jerusalém e governa sobre um Reino que é primariamente judaico, embora os gentios também compartilhem de suas bênçãos; os judeus, porém, são exaltados acima dos gentios. No início do milênio, Cristo governa sobre aqueles que sobreviveram ao julgamento dos gentios e ao julgamento de Israel recém-descritos. Aqueles que são membros do Reino milenar, portanto, não são crentes resurrectos, mas sim crentes que ainda estavam vivos quando Cristo voltou para a segunda etapa de sua Segunda Vinda; deveria também ser observado que, no princípio do milênio não haverá pessoas não-regeneradas vivendo sobre a terra. O Reino milenar de Cristo cumpre as promessas feitas a Israel no Antigo Testamento: "O propósito terreno de Israel, de que falam os dispensacionalistas, diz respeito à promessa nacional que será cumprida pelos judeus durante o milênio, quando eles viverem sobre a terra em corpos não-ressuscitados. O futuro terreno de Israel não se refere aos israelitas que morreram antes da instalação do milênio" 50.

Aqueles que ingressaram no Reino milenar serão seres humanos normais. Eles casarão e se reproduzirão, e a maioria deles morrerá. O milênio será um tempo de prosperidade, produtividade maravilhosa e paz; será uma era dourada tal como o mundo nunca viu antes. A terra estará cheia do conhecimento de Deus como as águas cobrem o mar. A adoração no milênio será centrada em um templo

reconstruído em Jerusalém, ao qual todas as nações irão para oferecer louvores a Deus. Serão novamente oferecidos sacrifícios de animais no templo. Estes sacrifícios, porém, não serão ofertas propiciatórias, mas sim ofertas memoriais, lembrando a morte de Cristo por nós.

Qual será a relação dos santos ressurrectos com a terra milenar? Os santos ressuscitados estarão vivendo na Jerusalém nova e celestial, que é descrita em Apocalipse 21.1 a 22.5. Durante o reinado milenar, esta Jerusalém celestial estará nos ares sobre a terra, irradiando sua luz sobre a terra. Os santos ressurrectos terão alguma participação no Reino milenar, pois participarão com Cristo em certos julgamentos (cp. Mt 19.28; 1 Co 6.2; Ap 20.6). Parece, então, que os santos ressurrectos são capazes de descer na Nova Jerusalém para a terra a fim de participar destes julgamentos. Entretanto, estas atividades julgadoras parecem ser "limitadas a algumas funções específicas, e a atividade principal dos santos ressurrectos será na nova cidade celestial" 51.

Embora no princípio do milênio haja apenas pessoas regeneradas sobre a terra, os filhos destas pessoas - nascidas durante o milênio -, com o tempo, superarão em muito o número de seus pais. Muitas destas crianças irão se converter e se tornarão crentes verdadeiros. Aqueles que se mostraram rebeldes contra o Senhor serão controlados por Cristo e, se necessário, serão mortos. Aqueles que apenas professam a fé cristã, mas não são crentes verdadeiros, serão arrebanhados por Satanás no final do milênio (após ele ter sido solto de sua prisão) para uma ataque final contra o "acampamento dos santos". Esta revolta final, porém, será totalmente esmagada por Cristo, os inimigos de Deus serão destruídos e Satanás será lançado no lago de fogo. Antes que termine o milênio todos os crentes que morreram durante o milênio serão ressuscitados.

Após o milênio ter findado, todos os incrédulos mortos serão ressuscitados e julgados perante o grande trono branco. Uma vez que seus nomes não terão sido escritos no livro da vida, eles todos serão lançados no lago de fogo, que é a segunda morte.

Agora será instaurado o estado final. Deus então criará novos céus e uma nova terra, dos quais todo pecado e imperfeição terão sido removidos. A Jerusalém celestial, o lugar da habitação dos santos ressurrectos, descerá agora para esta nova terra, onde Deus e seu povo habitarão eternamente juntos, em perfeita felicidade. Embora o povo de Deus, sobre a nova terra, seja um, continuará a haver uma distinção entre judeus redimidos e gentios redimidos, por toda a eternidade.

A relação entre o cumprimento das promessas de Deus à nação de Israel durante o milênio e o destino final dos indivíduos israelitas salvos está indicada na seguinte citação: "... O Antigo Testamento exhibe uma esperança nacional que será totalmente realizada na era milenar. A esperança do indivíduo santo do Antigo Testamento, acerca de uma cidade eterna, será realizada pela ressurreição na Jerusalém celestial, onde, sem perder a distinção ou a identidade, Israel ser reunirá com os ressurrectos e trasladado da era da igreja para compartilhar na glória do Seu [de Cristo] Reino para sempre.